

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

MARIA DE LOURDES SALLES MONTEIRO DE PAIVA DOS SANTOS

**SAÚDE MENTAL NO ITINERÁRIO FORMATIVO DOS OFICIAIS COMBATENTES
DO EXÉRCITO BRASILEIRO: O PAPEL DA PSICOLOGIA NO COTIDIANO
MILITAR**



Rio de Janeiro
2024

MARIA DE LOURDES SALLES MONTEIRO DE PAIVA DOS SANTOS

SAÚDE MENTAL NO ITINERÁRIO FORMATIVO DOS OFICIAIS COMBATENTES
DO EXÉRCITO BRASILEIRO: O PAPEL DA PSICOLOGIA NO COTIDIANO
MILITAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares do Instituto Meira Mattos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Militares.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mariana Montez Carpes

Rio de Janeiro

2024

S237s Santos, Maria de Lourdes Salles Monteiro de Paiva dos

Saúde Mental no Itinerário Formativo dos Oficiais Combatentes do Exército Brasileiro: O Papel Da Psicologia no Cotidiano Militar. / Maria de Lourdes Salles Monteiro de Paiva dos Santos. 2024.

96 f. : il. ; 30 cm

Orientação: Profª Drª Mariana Montez Carpes

Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) — Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2024.

Bibliografia: f. 87-93.

1. PSICOLOGIA. 2. EXÉRCITO BRASILEIRO. 3. ESTRESSE. 4. TRAUMA

I. Título.

CDD 153

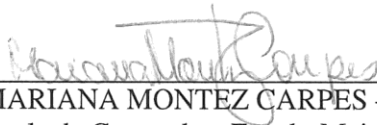
MARIA DE LOURDES SALLES MONTEIRO DE PAIVA DOS SANTOS

SAÚDE MENTAL NO ITINERÁRIO FORMATIVO DOS OFICIAIS COMBATENTES DO EXÉRCITO BRASILEIRO: O PAPEL DA PSICOLOGIA NO COTIDIANO MILITAR.

Dissertação apresentada à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Militares.

Aprovada em 1º de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA



MARIANA MONTEZ CARPES – Profª Drª – Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME



IVI VASCONCELOS ELIAS – Profª Drª - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME



Documento assinado digitalmente
NEWTON HIRATA
Data: 01/02/2024 11:15:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

NEWTON HIRATA – Prof Dr – Membro
Academia da Força Aérea – AFA
Universidade da Força Aérea – UNIFA

Ciente:


MARIA DE LOURDES SALLES MONTEIRO DE PAIVA DOS SANTOS - Postulante
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME

Deposite seus planos e suas inseguranças nas mãos do Senhor e confie, pois Ele é o Deus do impossível!

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo, Anderson Wallace, pelo amor e pela paciência , pelas sábias orientações que foram capazes de afastar meus medos, desatar as amarras e clarear meus pensamentos quando minhas forças queriam vacilar. Meu melhor amigo é o meu amor!

Ao meu “Gaélico”, Pietro Gael que pelas inúmeras vezes se preocupava o quanto faltava para eu concluir essa dissertação e com toda sua sensibilidade me afagava sendo também meu combustível para continuar.

Aos meus pais Amauri e Maria de Fátima, agradeço pelos ensinamentos do lado bom, mesmo nos fatos ruins. Pelas incansáveis orações, que me guardaram em todos os momentos e por me ensinar sobre a simplicidade, a honestidade e a nunca perder a fé.

À minha orientadora Prof^a Dr^a Mariana Montez Carpes, que me guiou para novos caminhos e trouxe o sentido e a paixão que eu precisava para construir essa pesquisa.

Aos meus amigos queridos do PPGCM, por todos os momentos de intensa troca e partilha, tanto nos nossos cafés nas tardes de aulas na ECEME, como nas viagens, e nos trabalhos!

*Nunca tenha certeza de nada.
A sabedoria começa com a dúvida.
(Sigmund Freud)*

RESUMO

A carreira de um oficial combatente do Exército Brasileiro é carregada de desafios e responsabilidades que põe esse profissional constantemente em seu limite físico e emocional, a fim de forjar líderes altamente capacitados para sua atuação dentro e fora da caserna. Avaliando as peculiaridades dessa formação e como agentes estressores podem afetar a saúde mental dos oficiais, a presente dissertação indaga: como é o preparo psicológico na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro? Ou seja, qual papel a Psicologia ocupa no itinerário formativo do oficial combatente? Ainda, questiona-se: quais espaços existem para a melhoria dessa formação? Objetiva-se com essa pesquisa: (1) identificar o lugar ocupado pela Psicologia na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro; e (2) identificar os espaços para melhoria do conteúdo dos currículos das escolas de formação de oficiais combatentes. Para alcançar tais objetivos e responder às perguntas de pesquisa, estabelecem-se como objetivos específicos: (a) contextualizar o estresse e o trauma no cotidiano do militar; (b) revisar os manuais e as grades curriculares a que estão sujeitos os oficiais combatentes durante sua formação; (c) compreender o funcionamento da infraestrutura de apoio psicológico ao oficial combatente. Esta pesquisa apoia-se na revisão bibliográfica de fontes primárias, bem como do exame de manuais e grades curriculares da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx) e da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Palavras-chave: Psicologia, Exército Brasileiro, estresse, trauma.

ABSTRACT

The career of a combat officer in the Brazilian Army is full of challenges and responsibilities that constantly put this professional at his physical and emotional limits, in order to forge highly qualified leaders for his work inside and outside the barracks. Evaluating the peculiarities of this training and how stressors can affect the mental health of officers, this dissertation asks: what is the psychological preparation in the early training of combat officers in the Brazilian Army? In other words, what role does Psychology play in the combat officer's training itinerary? Furthermore, the question arises: what spaces exist for improving this training? The objective of this research is: (1) to identify the place occupied by Psychology in the training of combat officers in the Brazilian Army; and (2) identify spaces for improving the content of the curricula of combat officer training schools. To achieve these objectives and answer the research questions, specific objectives were established: (a) contextualize stress and trauma in the daily life of soldiers; (b) review the manuals and curricula to which combat officers are subject during their training; (c) understand the functioning of the psychological support infrastructure for combatant officers. This research is based on a bibliographical review of primary sources, as well as an examination of manuals and curricula from the Army Cadet Preparatory School (EsPCEx) and the Agulhas Negras Military Academy (AMAN).

Keywords: Psychology, Brazilian Army, stress, trauma.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Academia Militar das Agulhas Negras	29
Figura 2 –. Turma “70 Anos da Vitória da Força Expedicionária Brasileira”	30
Figura 3 –. Unidade Didática III: Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – RELAÇÃO ENTRE ESTRESSE E TRAUMA	42
Tabela 2 – EIXOS TRANSVERSAIS QUE SÃO TRABALHADOS DENTRO DOS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM DE ACORDO COM O PERFIL PROFISSIONAL.....	56
Tabela 3 – DISCIPLINAS DO 1º ANO DO CFO/LEMB (ESPCEX).....	60
Tabela 4 – DISCIPLINAS DOS ANOS SUBSEQUENTES DO CFO/LEMB (AMAN).....	64
Tabela 5 – FASES DO EXERCÍCIO PRÁTICO DE CONFIANÇA DO EQUIPAMENTO INDIVIDUAL (EPI).....	72
Tabela 6 – PROPOSTA DE INCLUSÃO DA DISCIPLINA PSICOLOGIA NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES PARA LIDAR COM AGENTES ESTRESSORES.....	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAA	Atributos da Area Afetiva
ACE	Atividades de Complementação de Ensino
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
ECEME	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
EDL	Exercício de Desenvolvimento de Liderança
EsAO	Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
ESPCEX	Escola Preparatória de Cadetes do Exército
CAEM	Cursos de Altos Estudos Militares
CAO	Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais
CCEM	Curso de Comando e Estado-Maior do Exército
CCEM/Med	Curso de Chefia e Estado-Maior para Oficiais Médicos
CCEM/ONA	Curso de Comando e Estado-Maior para Oficiais das Nações Amigas
CDEM	Curso de Direção para Engenheiros Militares
CFO/LEMB	Curso de Formação e Graduação de Oficiais de Carreira da Linha de Ensino Militar Bélico do Exército
CGAEM	Curso de Gestão e Assessoramento de Estado-Maior
CIEE	Curso Internacional de Estudos Estratégicos
CPAEX	Centro de Psicologia Aplicada do Exército
CPEAEX	Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército
CP/ECEME	Curso Preparatório à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
DECEX	Departamento de Educação e Cultura do Exército
DESMil	Diretoria de Educação Superior Militar
DoD	Departamento de Defesa dos EUA
<i>DSM-V</i>	<i>Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders</i>
DQBRN	Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear
EAD	Ensino à distância
EB	Exército Brasileiro
EDL	Exercício de Desenvolvimento de Liderança
EIA/CM	Estágio de Instrução e Adaptação para Capelães Militares
EM	Estado-Maior
EME	Estado-maior do Exército
END	Estratégia Nacional de Defesa
EPI	Equipamento de Proteção Individual
EsFCEX	Escola de Formação Complementar do Exército

FEB	Força Expedicionária Brasileira
Fz	Fuzil
GLO	Garantia da Lei e da Ordem
GT	Grupos de Trabalho
GU	Grandes Unidades
IES	Instituições de Ensino Superior
IPT	Instrução Preparatória para o Tiro
LBDN	Livro Branco de Defesa Nacional
MoDAAAf	Módulo de Desenvolvimento de Atributos da Área Afetiva
MD	Ministério da Defesa
NIAE	Normas Internas para Avaliação Educacional
NVVRs	<i>National Vietnam Veterans Readjustment Study</i>
OM	Organizações Militares
ORC	Oficial Representante do Comando
PEEx	Plano Estratégico do Exército
PLADIS	Plano de Disciplina
PLANID	Planos Integrados de Disciplinas
Pst	Pistola
QEMA	Quadro de Estado-Maior da Ativa do Exército
QGAEs	Quadros Gerais de Atividades Escolares
QO	Quadros de organização
RISG	Regulamento Interno e Serviço Gerais (
SIEsp	Seção de Instrução Especial
SIMEB	Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro
SFC	se for o caso
TAF	Teste de Aptidão Física
TCC	Terapia Cognitivo-Comportamental
TEPT	Transtorno do Estresse Pós-Traumático
U	Unidade
VA	<i>Veteran Administration</i>
VUCA	Volatility (volatilidade), Uncertainty (incerteza), Complexity (complexidade) e Ambiguity (ambiguidade).
I GM	Primeira Guerra Mundial
II GM	Segunda Guerra Mundial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
PROBLEMA	21
DELIMITAÇÃO E JUSTIFICATIVA	21
ESTRUTURA DA PESQUISA	23
1 ARCABOUÇO ANALÍTICO	24
1.1 ITINERÁRIO FORMATIVO DO OFICIAL COMBATENTE DO EXÉRCITO BRASILEIRO	24
1.2 CONCEITO DE ESTRESSE E TRAUMA	38
1.2.1 TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO.....	43
1.3 ESTRESSE E TRAUMA NO COTIDIANO DO OFICIAL COMBATENTE:CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS.....	47
2. REVISÃO DA ESTRUTURA CURRICULAR DA FORMAÇÃO DE OFICIAIS	51
2.1 ESTRUTURAS CURRICULARES DA ESPCEX E DA AMAN	52
2.2 O PAPEL DA PSICOLOGIA NA ESTRUTURA CURRICULAR DE FORMAÇÃO DO OFICIAL COMBATENTE	68
3. INFRAESTRUTURA DE APOIO PSICOLÓGICO AO MILITAR	76
3.1 AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA FORMAÇÃO DO OFICIAL	78
3.2 SEÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO	80
3.3 SISTEMA DE SAÚDE DO EXÉRCITO	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

INTRODUÇÃO

A presente dissertação procura identificar o lugar ocupado pela Psicologia na formação do oficial combatente¹ do Exército Brasileiro. Ainda com base nessa discussão, pretende identificar, se houver, os espaços para melhoria do conteúdo do currículo das escolas de formação de oficiais, a saber: a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx) e a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Ainda que este trabalho foque exclusivamente nas duas escolas de formação geral dos oficiais combatentes citadas acima, nesta introdução, será apresentado, de maneira geral, todo o itinerário formativo existente para os oficiais combatentes. Isso também inclui as capacitações a serem realizadas na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Nesta última, os oficiais possuidores do Curso de Comando e Estado-Maior (CCEM) poderão retornar à Escola, já como coronéis, após a conclusão do período de comando de Organização Militar (OM) nível Unidade, para realizarem o Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEx)[1], finalizando o itinerário formativo do oficial.

O teatro de operações do século XXI trouxe consigo desafios para o sistema internacional e multiplicidades em seus atores. A opinião pública cada vez mais imponente, os crimes transnacionais, os desastres ambientais e tecnológicos, representam novos desafios às nações do mundo globalizado. Este cenário exige do Brasil foco nos assuntos de segurança e defesa, uma vez que o país se destaca como potência regional no subcontinente da América do Sul e alcançando sua posição como ator global de destaque. Para tanto, as Forças Armadas, como importante componente do Poder Nacional, “compostas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica”, devem adquirir as competências necessárias ao cumprimento de suas obrigações para com a sociedade brasileira (BRASIL, 1988).

A Estratégia Nacional de Defesa (END), desenvolvida em 2008, enfatiza a necessidade de reorganizar as operações das Forças Armadas e, particularmente, a atuação do Exército Brasileiro (EB) em uma situação global complexa e fragmentada.

¹ O oficial combatente (atualmente previsto exclusivamente para o segmento masculino), segundo a Lei do Ensino do Exército, é um profissional subordinado ao Ministério da Defesa, e, por isso, treinado e preparado para preservar a integridade do Brasil, na paz ou na guerra. O que caracteriza sua habilitação para o combate ou apoio logístico é o seu preparo profissional na Academia Militar das Agulhas Negras. (MOLINA, 2012).

A END inclui o desenvolvimento de capacidades militares significativas no domínio cibernético, bem como a organização da Força baseada nos pilares da vigilância e controle, da mobilidade e da presença, para responder rapidamente à qualquer ameaça ou agressão externa, garantindo ao mesmo tempo a segurança interna, de acordo com a Constituição Federal (BRASIL, 2008).

Neste cenário, o EB busca aprimorar a capacitação de seus militares para lidar com as novas realidades de guerra e segurança. Esses profissionais devem ser capazes de operar em campos de batalha complexos numa ampla gama de conflitos. Por outras palavras, os combatentes devem aprender a agir num ambiente multifacetado, com a presença de várias agências e por meio de ações militares de guerra e de não guerra, de modo que devam ser capazes de tomar decisões precisas em ambiente de grande complexidade (DANTAS e SILVA, 2013).

Sob esse viés, o EB deve desenvolver, no seu capital humano, possibilidades adequadas às futuras missões da Força. A diversidade das operações militares impõe aos líderes e comandantes do século XXI aumentar o seu potencial para ter condições de operar em qualquer terreno ou ambiente, coordenar a utilização de equipamentos e sistemas de armas modernos e operar em situações de alto risco e sob condições extremas de estresse e pressão psicológica. Tais condições ensejam mudanças doutrinárias, estratégicas, tecnológicas e de defesa, impondo o desenvolvimento de capacidades a esses militares do EB, para atender às demandas de um novo tempo (DANTAS e SILVA, 2013).

Desse modo, o oficial combatente precisa de uma formação à altura dos desafios que terá pela frente. A reorganização do ensino militar é necessária nas instituições de ensino da Força, além do fato de que os militares devem estar cada vez mais comprometidos com os valores da instituição de ensino, o que torna essencial o desenvolvimento de estratégias educacionais com consequentes alterações curriculares. Cada vez mais atenção deve ser dada à aproximação entre a teoria e a prática durante a formação; e à simulação dos contextos de situações reais, para que conhecimentos, habilidades, atitudes e valores sejam mobilizados de forma integrada para a resolução de problemas complexos (DANTAS e SILVA, 2013).

Neste entendimento da relevância na formação e constante aperfeiçoamento de um oficial combatente, o exercício da chefia e liderança militar durante a carreira é desenvolvido por meio da preparação institucional em suas principais escolas, sejam de formação, de aperfeiçoamento ou de altos estudos, dividido em várias etapas.

A base da formação desses profissionais tem início na EsPCEEx, situada na cidade de Campinas (SP), com continuidade na AMAN, localizada na cidade de Resende (RJ). Ambas são Instituições de Ensino Superior (IES) e recebem jovens oriundos de diversos estados brasileiros. Lá, valores e diretrizes do EB são transmitidos aos alunos, a fim de manter a Força coesa e com propósito permanente na missão de defender os interesses da Pátria.

Após concluírem a formação na AMAN, os militares permanecem por aproximadamente 8 meses na condição de Aspirantes a Oficial. Ao término desse período, tornar-se-ão Oficiais Subalternos: exercendo o primeiro posto do oficialato, como 2º Tenentes, por quase 2 anos; e, em seguida, por cerca de 4 anos, realizando suas atividades como 1º Tenentes. Na condição de Oficiais Subalternos, estarão aptos a comandar pequenas frações, desde o nível pelotão até o nível companhia (CLÁUDIA HELENA, 2021).

Concluindo essa etapa, o militar se tornará um Oficial Intermediário: Capitão. O Capitão permanece por cerca de 8 anos neste posto, podendo comandar uma companhia, que é constituída por três pelotões. Normalmente, no segundo ano do posto de Capitão, o oficial ingressa na EsAO.

A EsAO, localizada na Vila Militar, na capital fluminense, é uma instituição de ensino militar bélico que visa ao aperfeiçoamento de Capitães do Exército Brasileiro para o comando e chefia até o nível Unidade – que corresponde às OM tipo Batalhão e afins – de suas Armas, Quadros, Serviços ou Especialidades, de forma que também possam estar habilitados para o exercício das funções de Estado-Maior (EM) de Unidade e demais funções de Oficial Superior não privativas do Quadro de Estado-Maior da Ativa do Exército (QEMA). O curso de aperfeiçoamento de oficiais é realizado em dois anos. O primeiro ano é feito na modalidade de ensino à distância (EAD), com cerca de 400 horas de duração. Já no segundo ano, o ensino é presencial, com duração de 41 semanas (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2014).

Finalizando o período como Capitão, o oficial é promovido ao posto de Major e passa a integrar exclusivamente o Estado-Maior de Unidade, desempenhando funções de chefia das seções de pessoal, inteligência, operações, logística etc. O Major pode permanecer no posto por cerca de 6 anos, ao fim dos quais será promovido ao posto de Tenente-Coronel.

O Tenente-Coronel passa a integrar o Estado-Maior de Grandes Unidades (GU) – nível Brigada e superiores – e, também, poderá desempenhar funções de comando

de Unidades da Força Terrestre. Após cerca de 4 anos, este oficial é promovido, alcançando o posto de Coronel.

O Coronel é o posto máximo na hierarquia dentre as patentes de Oficiais Superiores. Poderá realizar todas as funções atribuídas aos Tenentes-Coronéis, além de chefiar o Estado-Maior das GU e prestar assessoramento ao Alto Comando do Exército Brasileiro (ESTRATÉGIA, 2022).

Durante os postos de Major, Tenente-Coronel e Coronel, o oficial tem a oportunidade de realizar os Cursos de Altos Estudos Militares (CAEM)[2], na ECEME, localizado no bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro. Para ingresso num de seus principais cursos, o CCEM, o militar deverá prestar concurso de admissão e, se aprovado, passará por um período escolar de 2 anos presenciais. O CCEM prepara os oficiais para o exercício de cargos no Estado-Maior (EM) das GU e como comandantes de OM nos níveis Unidade (U). O militar que conclui o CCEM passa a ser categorizado como oficial do QEMA.

Posteriormente, dentre os Coronéis do QEMA que concluíram o comando de Unidade[3], alguns serão selecionados, por mérito, para matrícula em cursos do nível do CPEAEx. Esses cursos têm como propósito ampliar os conhecimentos sobre política, estratégia e alta administração para os oficiais já possuidores do CAEM e têm como objetivo geral capacitá-los para atuar nos mais elevados níveis de assessoramento do Exército (ECEME, 2019).

Nesta linha do tempo da formação do oficialato, ensinamentos são transmitidos a várias gerações, e cria-se um padrão comportamental capaz de nortear as atitudes desses militares ao longo da carreira.

A formação acadêmica e profissional dos oficiais é uma das prioridades para o Exército Brasileiro, pois esses profissionais são preparados para conduzir os demais militares em situações de guerra, no gerenciamento de conflitos e nos esforços para a paz, desenvolvendo uma compreensão abrangente sobre as situações de emprego, o que é fundamental para lidar com a complexidade das missões.

A END (2008) propõe uma visão pautada em profissionais militares capazes de atuar em cenários nacionais e internacionais, dentro das perspectivas social, econômica, política e cultural do século XXI. Esses militares devem ser dotados de capacidades operacionais plenas, habilitados para tomar decisões, construir coletivamente, motivar, liderar e valorizar sua equipe de trabalho, de modo a desenvolver competências relevantes para o emprego da Força Terrestre.

Desta forma, desde os primeiros anos de formação, a grade curricular aplicada aos oficiais do Exército, quando alunos da EsPCEX e cadetes da AMAN, impõe atividades que os submetem a um sem-número de desafios. Privação do sono; busca por alto desempenho cognitivo; rigor no desenvolvimento de habilidades psicomotoras e de construção de atributos da área afetiva (AAA)^[4] desejados para o perfil militar; preparação física acima da média; e zelo com a saúde própria e com seus pertences são características que, agregadas ao afastamento da família, exigem investimento psicológico significativo e ajustamento psíquico para lidar com os extremos emocionais na adaptação a uma nova rotina e estilo de vida.

Posteriormente, à medida que progride na carreira, quando o cadete se torna oficial combatente, o grau de responsabilidades aumenta e novos desafios são impostos: frequentes mudanças geográficas; cursos de capacitação; missões inopinadas; missões de paz internacionais; jornadas extensas e intensas de trabalho; e treinamentos operacionais, dentre outros. Em suma: peculiaridades exclusivas da profissão militar e que exigem dedicação em tempo integral (TEACHMAN, CALL & SEGAL, 1993).

O oficial combatente possui em todo seu itinerário profissional uma diversidade de obrigações ligadas essencialmente aos valores militares e, desta forma, é treinado e capacitado para defender a soberania nacional, tanto em tempos de paz, como em tempos de guerra. Seu preparo profissional, embasado desde a adaptação na Escola Preparatória até as cadeiras da Academia Militar, é sujeito aos pilares da disciplina e da hierarquia, algo que se torna, com o tempo, ação rotineira na caserna. Desse modo, constata-se que oficiais combatentes estão sujeitos a lidar com frustrações e enfrentam responsabilidades desde o ingresso na Escola Preparatória, pois entendem que a abnegação se fará presente por toda vida ao escolherem ser um “soldado de Caxias” ^[5].

Segundo Castro (2004) e Takahashi (2002), os treinamentos militares que os cadetes realizam, principalmente no período de adaptação – e que mais exigem capacidade física, intelectual e psicológica do futuro oficial do Exército Brasileiro, como a Seção de Instrução Especial (SIEsp), o Teste de Aptidão Física (TAF), o Exercício de Desenvolvimento de Liderança (EDL) e outras atividades de campanha específicas de cada curso – são comandados por oficiais instrutores e usados para pressionar ao extremo esses aspirantes, a fim de selecionar aqueles que são capazes de se adaptar à vida na Academia com atividades que exigem alto rendimento.

Assim, entende-se que o contexto acadêmico militar possui níveis elevados de agentes estressores, os quais o cadete deverá enfrentar e superar. Esta modelagem comportamental e a forma como esses militares reagem às situações limítrofes serão refletidas em seu perfil ao longo de sua trajetória nos postos exercidos como oficial.

Para Giaretta (2016), o meio acadêmico militar é propiciador de sofrimento psíquico, o qual pode ser observado por níveis elevados de ansiedade, depressão e estresse. Segundo Martins (2005), a vida militar envolve a separação da família, do grupo de iguais, a restrição da liberdade, a perda de privilégios, além de transformação nas condições físicas.

Portanto, as características psicológicas dos alunos em sua formação como oficial pela AMAN e nas suas funções subsequentes durante o oficialato podem influenciar o surgimento do estado de estresse e suas ramificações. Fatores internos, que são as disposições mentais e as posturas, podem levar as pessoas a reagirem mais ou menos intensamente aos fatores externos. Caso os alunos consigam atingir essas posturas internas positivas ao longo de sua vida, possivelmente irão reagir melhor aos fatores externos que possam ocorrer durante e após o curso (SANTOS, 2018).

Para mais, é importante evidenciar que, além do cumprimento de suas missões constitucionais em defesa da pátria, esses profissionais ainda estão suscetíveis ao emprego em ações subsidiárias, como Garantia da Lei e da Ordem (GLO), apoio a calamidades públicas, desastres de forma geral, os quais não são objeto direto da formação acadêmica militar.

Dessa forma, verificando quão complexa, exaustiva e comprometida é a formação de um oficial do Exército Brasileiro, bem como a importância do cuidado que a Força tem com seus recursos humanos, percebe-se que a estrutura psicológica à qual esses atores têm acesso deve oferecer ferramentas psíquicas adequadas para utilização ao longo da carreira, de modo a contribuir para mantê-los mentalmente sãos durante as adversidades a serem enfrentadas.

Frente ao cenário descrito acima, este trabalho indaga sobre qual o papel ocupado pela Psicologia na trajetória formativa de um oficial combatente do Exército Brasileiro, assumindo que o estresse e o trauma, oriundos das atividades desses profissionais, são capazes de influenciar seu desempenho.

[1] Excepcionalmente, oficiais não possuidores do CCEM podem realizar o CPEAEx, desde que tenham comandado Unidade e sua trajetória profissional os diferencie em seu universo de seleção.

[2] Os CAEM realizados na ECEME referem-se à categoria de Altos Estudos I. Há CAEM na categoria de Altos Estudos II: o Curso de Gestão e Assessoramento de Estado-Maior (CGAEM), que é realizado por oficiais combatentes ou não na Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEEx), em Salvador (BA). A fim de não tornar a leitura mais complexa, esse universo não será descrito no texto, mas comporta-se de modo paralelo e complementar aos militares do QEMA.

[3] Consultar a nota de rodapé nº 1.

[4] Os atributos da área afetiva são um conjunto de qualidades que envolvem comportamentos, atitudes e valores que devem dar o embasamento e a direção para o desenvolvimento e aprimoramento do militar. Esses atributos incluem autoconfiança, cooperação, criatividade, decisão, entusiasmo profissional, iniciativa, persistência e camaradagem. A avaliação dos atributos da área afetiva é feita em todos os órgãos e estabelecimentos de ensino subordinados, coordenados ou vinculados ao Departamento de Ensino e Cultura do Exército (EPEX, 2018).

[5] Expressão usada para designar o militar pertencente ao Exército Brasileiro em referência ao Marechal Luís Alves de Lima e Silva, o “Duque de Caxias”, Patrono do Exército Brasileiro.

PROBLEMA

O presente trabalho manifesta como problema de pesquisa as seguintes indagações: como é o preparo psicológico na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro? Dito de outra maneira, pergunta-se qual papel a Psicologia ocupa no itinerário formativo desses oficiais e quais espaços existem para a melhoria dessa formação? Para elucidar a problemática em questão, essa dissertação apresenta uma abordagem qualitativa acerca da participação da Psicologia no itinerário formativo do oficial do Exército Brasileiro, a partir da sua entrada na EsPCEEx e, sequencialmente, em sua formação na AMAN.

A metodologia utilizada será a revisão bibliográfica das fontes primárias, a saber: os Plano de Disciplina (PLADIS) e grades curriculares da EsPCEEx e AMAN. Com intuito de satisfazer a demanda verificada na pesquisa, foram formulados como objetivos gerais deste trabalho: (1) identificar o lugar ocupado pela Psicologia na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro e (2) identificar os espaços para a melhoria do itinerário formativo dos militares combatentes.

DELIMITAÇÃO E JUSTIFICATIVA

O horizonte considerado para essa pesquisa estende-se, temporalmente, desde a entrada dos alunos na EsPCEEx, seguida da AMAN, escola em que os militares combatentes concluem a última etapa de seu itinerário formativo antes de atuarem

diretamente nas Unidades; e, espacialmente, permanecendo no território nacional, já que a análise é relacionada aos oficiais do Exército Brasileiro.

A escolha da entrada na EsPCEEx e AMAN como marco inicial é motivada pelo fato de que, nesta fase, são estabelecidas as diretrizes curriculares que nortearão a formação comportamental dos comandantes do futuro, em todos os níveis, e que serão fundamentais para definição do perfil de liderança e pensamento estratégico frente às suas OM, dentro do conceito de “Dimensão Humana”.

Na linguagem militar, a Dimensão Humana é reconhecida como um elemento crucial para fortalecer a tropa e proteger a nação. Os valores militares, e por extensão, do Exército Brasileiro, têm no elemento humano sua base fundamental. Denominado como "Força de Nossa Força" dentro do contexto verde-oliva, o ser humano é considerado tanto uma fonte de resistência, robustez e fortaleza, quanto um ponto vulnerável e sensível. Essa percepção leva à proposição de políticas e ações institucionais voltadas para a promoção da chamada "Dimensão Humana". (CELESTINO, 2018).

Os conflitos contemporâneos têm evidenciado a predominância de confrontos em ambientes onde a Dimensão Humana é central. Nesses cenários, aspectos psicossociais, políticos e econômicos da população local, juntamente com suas estruturas, comportamentos e interesses, são cuidadosamente analisados, com foco no indivíduo e na sociedade. (BRASIL, 2017).

De fato, o assunto ao qual se destina esta pesquisa está pautada em um olhar atento ao oficial combatente, oferecendo destaque ao elemento humano neste contexto de promoção de saúde mental, como motriz para levar adiante o propósito de suas missões. Assim, aborda os desafios e dimensiona a importância de que estes profissionais estejam psicologicamente amparados em suas atividades, devido ao seu alto nível de estresse e de comprometimento com a sociedade e sua pátria de forma geral, pois, uma vez impactados emocionalmente de forma negativa em suas tarefas, se tornam também limitados para atuar operacionalmente.

Desta forma, esta dissertação pretende produzir subsídios para o entendimento da necessidade de cuidado com a saúde mental dos oficiais, de modo a estabelecer relações entre a Psicologia e os Estudos de Defesa, na área de proposição de políticas dentro da Força Terrestre, fortalecendo conceitos da Dimensão Humana na formação desses profissionais, trazendo uma reflexão sobre o quanto fatores emocionais podem

afetar as pessoas e equipes que o militar lidera e, conseqüentemente, a instituição maior da qual ele faz parte: o Exército Brasileiro.

Após essa breve contextualização da saúde mental com foco no apoio psicológico ao oficial combatente, sua relevância fica mais clara. Os danos psicológicos causados por eventos estressores e não sanados representam “ferimentos” na psique, muitas vezes silenciosos e que podem acompanhar os indivíduos e afetá-los pelo resto de suas vidas, resultando, muitas vezes, num perfil profissional inadequado, que pode impactar o cumprimento das missões da Força.

Nesse sentido, o presente estudo se justifica por apresentar propostas gerais e considerações doutrinárias básicas a respeito de um tema atual e de suma importância para colaborar com a evolução do Oficial Combatente do Exército Brasileiro, do qual se espera um importante papel no exercício pleno de suas funções, dentro de condições psíquicas favoráveis para sua saúde mental.

ESTRUTURA DA PESQUISA

Para atender ao objetivo da pesquisa, este trabalho será organizado em três capítulos, além desta introdução e da conclusão. A introdução resumiu o estudo propriamente dito, ambientando o leitor sobre o tema, a problemática observada, seus objetivos, delimitação e justificativa, assim como o desenho de pesquisa.

O capítulo 1 refere-se ao arcabouço analítico, a partir do qual os capítulos posteriores se apoiarão; visa contextualizar o *stress* e o trauma no cotidiano militar.

O capítulo 2, por meio da revisão dos manuais e da grade curricular da formação do oficial combatente, discute o papel ocupado pela Psicologia durante esse período.

O capítulo 3 mapeia as ferramentas disponíveis para atender os militares, a fim de compreender o funcionamento do apoio psicológico ao oficial.

Por fim, as considerações finais apresentam as inferências obtidas no decorrer do trabalho, sugerindo caminhos e novas possibilidades de pesquisas, a partir das informações obtidas nos capítulos anteriores, visando contribuir para a identificação dos *gaps* a serem transpostos e do caminho necessário rumo a propor espaços para melhoria na infraestrutura de apoio psicológico dentro do Exército Brasileiro.

1. ARCABOUÇO ANALÍTICO

Para a melhor compreensão dos objetivos desta pesquisa, é necessária uma contextualização acerca dos fatos relacionados ao problema. Neste trabalho, a revisão de literatura será conduzida de forma a apresentar fundamentos e definições que servirão de base teórico-conceitual para este estudo.

1.1 ITINERÁRIO FORMATIVO DO OFICIAL COMBATENTE DO EXÉRCITO BRASILEIRO

A formação de um militar costuma ser mais exigente física e emocionalmente do que a maioria das profissões. Durante as atividades operacionais e em tempos de guerra, os militares estão constantemente expostos ao risco de lesões físicas, muitas delas fatais, além da exposição a significativas oscilações climáticas, atividades noturnas e intensas demandas emocionais (DE BEER E VAN HHERDEN, 2014).

Mesmo em tempos de paz, a profissão militar nas Forças Armadas brasileiras tem altas demandas psicológicas. Podemos enumerá-las: (1) ameaça à vida mesmo durante exercícios e atividades diárias; (2) submissão aos ditames de disciplina e hierarquia rígidas e à obrigação de seguir regras e normas estritas; (3) envolvimento profissional exclusivo; (4) disponibilidade contínua do serviço a qualquer hora do dia; (5) mobilidade geográfica, que pode ser transferência para as partes mais inóspitas do país, em qualquer época do ano; (6) necessidade de grande esforço físico; (7) aperfeiçoamento profissional contínuo e exigência de alto desempenho nas atividades (BRASIL, 2014).

A missão do Exército Brasileiro pode ser definida da seguinte forma: “Defesa da pátria, garantindo os direitos constitucionais, a lei e a ordem. Apoiar a política externa do país. Cumprir atribuições subsidiárias” (BRASIL, 2014). Para isso, é necessário que o militar esteja em um estado permanente de prontidão, apto para planejar e conduzir as diversas operações a que for confiado, o que propicia ampla exposição a diversos agentes estressores, como o risco de contatos interpessoais violentos e intensos, entre outros, o que o torna vulnerável ao desenvolvimento de patologias relacionadas ao estresse. Estresse Pós-Traumático, Transtorno de Ansiedade Generalizada, Depressão e mesmo a Síndrome de Burnout, são algumas delas (JESUS, 2016).

Na carreira militar, a formação para se tornar um oficial combatente é ainda mais exigente tanto a nível físico, como intelectual e psicológico. O preparo deste tipo específico de militar deve ser suficiente para torná-lo pronto a executar suas funções de liderança e comando após a finalização do curso (MOORE, MASON E CROW, 2012).

Essa condição fica mais evidente pelo fato de que os oficiais combatentes se tornam alunos militares muito jovens, a grande maioria saindo de outros estados, deixando as famílias, em busca de objetivos pessoais, muitas vezes motivados pela estabilidade financeira que a carreira poderá lhe proporcionar. Alguns alunos, até mesmo, contam com esta possibilidade para viabilizar uma melhoria de vida para seus familiares. Um obrigatório amadurecimento emocional é esperado destes jovens, para que possam enfrentar uma nova realidade de vida e profissional.

Grande parte dos alunos desses cursos tiveram pouco ou nenhum contato com a vida militar e não estão acostumados, nem fisicamente e nem psicologicamente, com cada uma das características da caserna já mencionadas.

Durante sua formação, o aluno não possui reserva psicológica suficiente para responder à carga estressante a que está exposto, podendo desenvolver desequilíbrios que o expõe aos efeitos negativos do estresse, reduzindo efetivamente sua eficácia militar (KELLMAN, 2010).

Há evidências na literatura de que os efeitos negativos do estresse não afetam apenas o desempenho dos alunos no treinamento, mas também podem prever a probabilidade de insucesso na aprendizagem (JACKSON, 2011).

Assim, a formação do oficial combatente do Exército Brasileiro é um processo rigoroso e abrangente que se caracteriza em preparar líderes militares para desempenhar funções de comando, administrativas e operacionais, em uma ampla variedade de situações. Combina conhecimentos técnicos, habilidades de liderança, conduta ética e experiências práticas para torná-los aptos aos diversos desafios que poderão encontrar ao longo de suas carreiras.

Os atributos afetivos essenciais para o oficial, como iniciativa, equilíbrio emocional, dedicação, responsabilidade, honestidade, lealdade, são peculiaridades desenvolvidas na formação e aprimoradas para o enfrentamento de situações adversas, que tiram o futuro oficial da zona de conforto e causam certo nível de estresse (BELLO, 2020).

Para entender de forma mais ampla essa linha do tempo da formação bélica e o valor atribuído a ela, serão contextualizadas as principais características que fazem parte das instituições responsáveis pela formação do oficial combatente.

O início desse ingresso na carreira acontece por meio de concurso em âmbito nacional, em que jovens com idade entre 17 e 22 anos – após aprovação e processo de seleção, que incluem exames médicos, avaliações físicas, testes psicológicos e entrevistas – são matriculados na EsPCEEx, que é a porta de entrada para aqueles que desejam se tornar oficiais combatentes do Exército.

Como novos alunos da EsPCEEx, passam a residir na cidade de Campinas (SP). Assim, se submetem a um regime de internato com tarefas escolares administradas e regulamentadas por legislação interna, abrangendo grade escolar, exercícios físicos, refeições e atividades militares. É nessa adaptação à vida militar que o aluno começa a ter contato com os estressores da formação.

Após um ano de introdução à vida militar, os alunos aprovados são promovidos a cadetes e passam a estudar durante os quatro anos restantes na AMAN, em Resende (RJ). A AMAN é a instituição de ensino para a formação de oficiais combatentes do Exército Brasileiro. Os cadetes serão submetidos a atividades visando o desenvolvimento de atributos da área afetiva, como disciplina, hierarquia, coragem, dedicação e camaradagem (ESTRATÉGIA, 2022).

Na AMAN, os cadetes cursam a graduação em Ciências Militares. O ensino militar propriamente dito é conduzido pelo Corpo de Cadetes, de maneira progressiva, no qual a Instrução Individual Básica é aprendida no primeiro ano. A Divisão de Ensino da AMAN oferece ao cadete conhecimentos em um leque de diversas áreas do ensino superior, em que, desde o 1º ano, são ministradas instruções de Introdução ao Estudo do Direito, Direito Administrativo, Direito Penal, Economia, História Geral e do Brasil, Cibernética, Administração, Psicologia, Relações Humanas, Geopolítica, Sociologia, Filosofia, Inglês, Espanhol, entre outras. A parte cognitiva é desenvolvida durante a formação, abrangendo uma ampla gama de conhecimentos com foco em disciplinas militares para o comando de pequenas frações. Para isso, também recebem treinamento em liderança, ética militar, regulamentos e procedimentos militares (AMAN, 2022.).

As instruções militares são divididas entre os quatro anos, ou seja, a formação básica do cadete é realizada no primeiro ano e a especialização nos diversos cursos realizados nos três anos seguintes. Após o fim do curso básico, o cadete do primeiro

ano irá escolher, no início do segundo ano, sua especialização, que é a Arma, Quadro ou Serviço. De acordo com sua classificação intelectual, ele poderá escolher entre as sete especializações existentes: Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Comunicações, Intendência e Material Bélico. Após a escolha da especialização, o cadete continuará tendo aulas do ensino acadêmico comuns a todos e terá, ainda, as instruções militares específicas da área escolhida, aprofundando-se durante os três anos restantes (AMAN, 2022)).

A rotina dos cadetes é repleta de atividades dos mais diversos tipos, variando entre aulas do ensino acadêmico, instruções relativas às matérias militares, sessões de treinamento físico militar, e “Semanas Verdes”, quando os militares realizam exercícios no campo de instrução durante toda a semana, aplicando na prática o conhecimento obtido nos bancos escolares.

Junto aos cursos específicos, a Seção de Instrução Especial (SIEsp) é responsável por aplicar diversos estágios. No primeiro ano, é realizado o Estágio Básico do Combatente de Montanha; no segundo ano, o Estágio de Vida na Selva e Técnicas Especiais; no terceiro ano, o Estágio de Patrulhas de Longo Alcance com Característica Especiais; e no quarto ano, o Estágio de Operações contra Forças Irregulares. Todos esses estágios têm o foco no desempenho do cadete em situações de comando em ambientes estressores (FIGUEIREDO, 2021).

Nesses exercícios, os cadetes precisam superar inúmeras dificuldades, havendo maior cobrança por parte dos instrutores, o que eleva o grau de estresse. Durante os quatro anos da AMAN são realizados exercícios no terreno, levando em conta o ano que o cadete se encontra. Ou seja, um exercício aplicado no quarto ano não será igual a um exercício aplicado no primeiro ano. Os níveis de estresse nessas situações variam, além da necessidade de maior grau de maturidade em cada etapa.

No primeiro ano, o estresse aplicado nos campos básicos é em sua maioria físico. Os cadetes recém-chegados à AMAN devem se acostumar com o cansaço e a exaustão dos treinos para se adaptarem o mais rápido possível a esse tipo de situação. Nos exercícios de campanha, os cadetes passam por períodos de privação de sono, molhando-se enquanto se aclimatam ao frio, à fome, à sede, ao cansaço, tudo de forma controlada e consciente para se prepararem para situações reais. A severidade das instruções, em que os cadetes são pressionados ao máximo pelos instrutores, é intencional e aumenta o nível de estresse, mostrando-lhes que podem ultrapassar seus limites (DESMIL, 2017).

À medida que o treinamento avança, o foco dos exercícios muda, a parte física continua obrigatória, mas, paralelamente, os cadetes passam a realizar atividades de liderança que visam desenvolver sua capacidade de influenciar e liderar pessoas.

Isso fica bem claro na SIEsp a partir do 3º ano, quando os cadetes passam a realizar atividades coletivas, nas quais precisam gerenciar o grupo, cumprir missões dos mais diversos tipos, planejando e executando várias patrulhas. Existem também exercícios diferentes para cada Arma, Quadro ou Serviço, que são mais específicos à sua área de atuação.

Ainda no terceiro ano, tratando sobre liderança, ocorre um dos maiores desafios da formação. No denominado Exercício de Desenvolvimento de Liderança (EDL). Com duração de 60 horas, no EDL os cadetes planejam e executam missões que exigem capacidade física e intelectual, havendo rodízios de funções para que todos sejam testados e passem pela situação de comandante. Além disso, realizam longas marchas a pé, carregam bastante peso, sofrem pressão psicológica dos instrutores e privação de sono, pois não há tempo de descanso entre as chamadas “oficinas”. Tudo isso para que o cadete conheça seus limites de superar-se, chegando ao seu destino, e conhecendo as situações pelas quais seus subordinados passarão. Pela soma de todos esses fatores, esse exercício pode ser considerado um dos mais extenuantes da formação (COSTA, 2019)

Como o objetivo principal da instituição é formar líderes capazes de conduzir homens à frente do campo de batalha, é importante que determinados exercícios prescritos durante o treinamento sejam o mais próximos possível das situações reais de combate. A liderança e a superação dos seus próprios limites, são componentes fundamentais na formação do oficial combatente. Os cadetes são treinados para liderar tropas, tomar decisões críticas em situações de combate e gerenciar recursos em ambientes desafiadores.

Se na Escola Preparatória os meninos compuseram uma única turma, na Academia eles eram os mais novos. A hierarquia e disciplina estão, em todos os momentos, intrínsecas em cada passo dos futuros combatentes. Desde a alvorada até o toque de recolher, todas as marchas, hinos e símbolos afirmam o compromisso que eles juraram cumprir. Durante a formação, há dias específicos em que eles podem sair para conhecer outros lugares da cidade e regras detalhadas que norteiam a postura do militar. No Pátio Tenente Moura, onde os cadetes entram em forma várias vezes durante o dia, há uma frase gravada que reforça o motivo de todos esses valores serem tão cultuados: “Cadete! Ides comandar, aprendei a obedecer” (PAULA MARIANE, 2016)

Figura 1 – Academia Militar das Agulhas Negras



Fonte: Fotógrafa Paula Mariane, 2016

Ainda dentro do ensino militar, além do treinamento físico intenso e instrução em táticas, armamento, manobras militares, marchas e técnicas de sobrevivência, os cadetes também passam por estágios práticos em Organizações Militares, nos quais ganham experiência no campo e aplicam seus conhecimentos teóricos em situações reais.

Ao término da formação na EsPCEX e naAMAN, após cinco anos, os Cadetes aprovados são declarados Aspirantes a Oficial e recebem o diploma de Bacharel em Ciências Militares, e são designados para Unidades operacionais, onde exercerão suas funções e responsabilidades, colocando em prática todos os ensinamentos necessários aos postos de Tenente e de Capitão não-aperfeiçoado.

Figura 2 - Turma “70 Anos da Vitória da Força Expedicionária Brasileira”.



Fonte: Fotografia Paula Mariane (2016)

Quando se tornam oficiais, esses militares progridem na hierarquia militar com base em méritos, tempo de serviço e qualificações. À medida que avançam em suas carreiras, assumem responsabilidades cada vez maiores e posições de liderança mais importantes e estratégicas.

Após exercer os postos de Primeiro e Segundo-Tenentes, o oficial é promovido ao posto de Capitão. O Capitão exerce o comando de uma companhia de militares e pode integrar o Estado-Maior de uma Organização Militar. O posto de capitão situa-se, hierarquicamente, entre o de Tenente e o de Major, e constitui o círculo dos chamados “oficiais intermediários”. O exercício da liderança, para impulsionar, dirigir, corrigir e conciliar, é algo essencial para esse posto, pois segundo o Gen Ex Eduardo Dias da Costa Villas Bôas (2015): “o Capitão deve comandar pela liderança e liderar pelo exemplo”.

Como líder e orientador, o Capitão tem consigo a grande responsabilidade de guiar seus subordinados. Sob esse viés, é necessário o aperfeiçoamento dos valores militares e das diretrizes técnicas para reafirmar sua vocação militar e reciclar seus conhecimentos para desenvolver funções em um nível mais elevado dentro da estrutura da instituição.

Neste contexto, o Capitão, em seu segundo ano no posto, é direcionado a cursar a EsAO, onde objetiva-se habilitar o oficial concludente do curso a preencher cargos e a desenvolver funções dos postos de Capitão aperfeiçoado e de oficial superior, nas Organizações Militares (OM) do Exército (BRASIL, 2005).

A EsAO, fundada em 08 de abril de 1920, tem por missão aperfeiçoar os capitães, capacitando-os para o comando e chefia de Unidades e habilitando-os para o exercício de funções de Estado-Maior não privativas do QEMA (EsAO, 2016).

A Escola prepara o oficial com as ferramentas necessárias e adequadas para operar numa estrutura distribuída em cenários estratégicos e controlar o desenvolvimento contínuo da doutrina militar por meio da compreensão abrangente do uso de armas combinadas. Assim, é possível dotar as organizações militares de capitães plenamente capacitados nas áreas cognitiva e psicomotora, bem como mais enriquecidos no aspecto afetivo (EsAO, 2016).

O Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO) tem duração de dois anos, sendo o segundo ano presencial. A fase presencial, de 41 semanas, oferece um amplo leque de atividades e oportunidades destinadas a desenvolver a liderança militar dos oficiais.

Segundo Melo (1994), a formação da liderança militar foi incorporada ao currículo escolar. Atualmente, diversas são as atividades, durante o ano letivo da EsAO, nas quais o capitão aluno tem oportunidade de exercitar e desenvolver atributos ligados à liderança militar.

Para ilustrar, os capitães têm a oportunidade de assumir a função de Oficial Representante do Comando (ORC), que ocorre em regime de escala, normatizado pelo Regulamento Interno e Serviço Gerais (RISG).

O ORC terá oportunidade, durante um período de 24 horas, de comandar uma guarnição de soldados, cabos e sargentos, todos os quais têm a responsabilidade primária de garantir a segurança da EsAO e dos seus membros. Exercendo a função de ORC, durante a escala, o Capitão deve lidar com diversas situações que exigem decisões e procedimentos em alto nível de responsabilidade. Os processos envolvidos consistem em ensaio e erro, educação e treinamento (FARIAS, 2009).

A seção Psicopedagógica da EsAO organiza, ao longo do ano letivo, Grupos de Trabalho (GT) com rodízio constante entre os participantes, selecionando um Capitão aluno para ser responsável pelo GT em vigor. Por meio dessa atividade, são utilizadas as ferramentas do Módulo de Desenvolvimento de Atributos da Área Afetiva (MoDAAAf). Com o MoDAAAf se tem a oportunidade de ativar aspectos de domínio emocional, relacionados ao desenvolvimento da personalidade de líderes. O aluno recebe ainda o *feedback* com informações sobre os atributos do domínio emocional que foram avaliados vertical e horizontalmente durante todo o CAO, bem como

aspectos relativos à liderança e sociabilidade. O objetivo é fornecer aos capitães dados que possam encorajar a autoanálise e o autoaperfeiçoamento.

As Normas Internas para Avaliação Educacional (NIAE), de 2005, que regulam a avaliação da aprendizagem durante o CAO, estabelecem diretrizes específicas para a realização de verificações de aprendizado, incluindo uma prova formal que tem características distintas. Durante o ano letivo, os capitães-alunos devem realizar uma prova individual que dura cerca de oito horas, dividida em dois períodos de quatro horas cada, com intervalo para a refeição do almoço.

Além da avaliação de conhecimentos e habilidades, essa atividade inclui a preparação dos esquemas de manobra relacionados à respectiva Arma, Quadro ou Serviço. Esse processo é conhecido como "colagem de calcos". A colagem de calcos refere-se ao ato de aplicar representações gráficas de manobras ou estratégias em mapas ou diagramas. Essa tarefa deve ser realizada com precisão e dentro de um prazo estipulado em documentação interna previamente distribuída.

A referência à "organização" nesse contexto sugere que a capacidade de realizar essa tarefa de forma precisa e dentro do prazo estabelecido está relacionada à habilidade de organizar e planejar atividades de forma eficaz, o que é uma qualidade importante em muitos campos, especialmente na área militar. Isso demonstra como a avaliação no âmbito do CAO incorpora não apenas o conhecimento teórico, mas também a aplicação prática e a capacidade de execução de tarefas relacionadas à organização e estratégia militar (FARIAS, 2009).

A realização de provas formais de duração estendida tem o propósito de criar uma situação em que o capitão aluno seja submetido a uma carga de estresse e fadiga semelhante àquela encontrada em ambientes de combate. Essa abordagem visa avaliar a capacidade de pensar e tomar decisões sob pressão e sob condições adversas, uma habilidade essencial para líderes militares. Assim, o capitão é desafiado a manter um alto nível de concentração, resolver problemas, analisar informações e tomar decisões rápidas. Segundo Farias (2009), essa atividade não apenas avalia o conhecimento teórico do capitão aluno, mas também sua capacidade de aplicar esse conhecimento e tomar decisões eficazes sob condições de estresse e fadiga, replicando, de certa forma, as dificuldades características do combate. Isso reflete a ênfase dada à preparação de líderes militares capazes de lidar com situações desafiadoras e tomar decisões cruciais em momentos críticos.

A prova formal que define a classificação final do aluno no curso pode exercer uma pressão psicológica significativa. Essa pressão decorre do fato de que o desempenho nessa avaliação única pode ter um impacto substancial na trajetória e na carreira do capitão aluno. Isso pode criar um ambiente de alta competição e exigir uma preparação intensa. Os alunos precisam dedicar uma quantidade significativa de tempo e esforço ao estudo diário. Muitas vezes, isso implica sacrificar parte do tempo de descanso e lazer, o que pode ser desafiador para os alunos que já têm uma carga significativa de responsabilidades no contexto profissional e familiar.

Essas dinâmicas ressaltam a importância da preparação e do desempenho na prova formal e como essa avaliação única pode ter um impacto profundo na vida e carreira e, com isto, acaba por exercer uma grande pressão psicológica.

A conclusão do CAO na EsAO representa, de fato, um marco importante na vida profissional de um oficial de carreira do Exército. Os capitães têm a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos e habilidades, que são fundamentais para desempenhar suas funções tanto administrativas quanto de liderança. Aprofunda o conhecimento técnico e tático, mas também desenvolve habilidades de gerenciamento, tomada de decisão e comunicação. Os oficiais aprimoram sua capacidade de liderar unidades e tropas, o que é essencial para o sucesso em suas carreiras militares.

Observando essa trajetória do oficial combatente, desde a sua entrada na Escola Preparatória, passando por sua conclusão do curso na AMAN e, na sequência, toda uma vida dedicada ao Exército, é possível perceber que esses indivíduos estão constantemente expostos a agentes que o pressionam emocionalmente na busca da excelência profissional. Na formação, essas situações são necessárias para desenvolver atributos essenciais para o militar combatente em situações reais de conflito, já que posteriormente ele terá oportunidade de vivenciá-las *in loco* nas Unidades em que prestará serviço.

Em seguida ao período exercendo suas funções como Capitão Aperfeiçoado, o Oficial tem a oportunidade de se preparar para realização da prova de seleção para ingresso na ECEME. Assim como a EsPCEEx, a AMAN e a EsAO, a ECEME é um estabelecimento de ensino subordinado à Diretoria de Educação Superior Militar (DESMil), enquadrada no Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX), e representa a escola de mais alto nível do Exército. De acordo com o seu Regulamento EB10-R-05.002, a ECEME possui as seguintes missões:

I - preparar oficiais, habilitando-os para o exercício dos cargos estabelecidos nos quadros de organização (QO) do Exército e de cargos no Ministério da Defesa (MD) e no Poder Executivo, em tempo de guerra ou de paz, a serem desempenhados por:

- a) oficiais-generais;
 - b) comandantes, chefes e diretores;
 - c) oficiais de estado-maior; e
 - d) assessores de alto nível nos altos escalões de comando, chefia e direção;
- II - contribuir para o desenvolvimento da doutrina militar na área de sua competência; III - realizar e divulgar pesquisas na área de sua competência, se necessário, com a participação de instituições congêneres;
- IV - aperfeiçoar oficiais e civis, proporcionando cursos de pós-graduação lato sensu e stricto sensu, mestrado, doutorado e pós-doutorado; e
- V - estimular o aprimoramento dos oficiais em seus atributos de liderança (BRASIL, 2016).

A ECEME é o centro de capacitação de maior prestígio da Instituição, destinando-se aos oficiais do QEMA, comandantes e assessores de alto nível da Força. A sua criação foi confirmada por decreto em 2 de outubro de 1905 e, em abril de 1909, a Escola formou a primeira turma (PERES e CÂMARA, 2005).

Durante seus mais de 100 (cem) anos de existência, a ECEME passou por diferentes períodos e, ao longo do tempo, foi influenciada pelas doutrinas militares da Alemanha, da França e dos Estados Unidos, exatamente nesta ordem. Portanto, a história da ECEME pode ser compreendida a partir das diretrizes didáticas estabelecidas para a Escola durante sua trajetória (PERES e CÂMARA, 2005).

Por ocasião do retorno da Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao país, após ter participado do esforço aliado na Segunda Guerra Mundial, houve a substituição da influência francesa pela norte-americana. Assim, a partir de 1945, a doutrina militar estadunidense passou a guiar o currículo da ECEME, provocando inúmeras transformações nos processos educacionais (PERES e CÂMARA, 2005).

A ECEME também é conhecida como a “Escola do Método”. Segundo o Livro Branco de Defesa Nacional (LBDN), este estabelecimento de ensino coopera com os órgãos de direção geral e setorial no desenvolvimento da doutrina para o preparo e emprego da Força. Todos os cursos da Escola são de pós-graduação e ministrados em conformidade com a legislação que regulamenta o ensino superior no país e de acordo com o Regulamento da Lei de Ensino do Exército (BRASIL, 2012).

A ECEME pode ser considerada a escola de mais alto nível dentro da Força, o que é evidente por ser um centro de excelência em Ciências Militares que visa formar comandantes militares. Portanto, a Escola tem como visão de futuro ser uma instituição de ensino vanguardista do processo de evolução do ensino na Força, sendo um centro de pesquisas do Estado-maior do Exército (EME) para o desenvolvimento

da doutrina militar terrestre, além de ser um dos laboratórios do Exército para o desenvolvimento de seu pensamento político, estratégico e de alta administração (BRASIL, 2016).

A Escola também se estrutura com base em 4 (quatro) cursos principais (BRASIL, 2016, p. 31):

I - Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEx);

II - Curso Internacional de Estudos Estratégicos (CIEE);

III - Cursos de Altos Estudos Militares (CAEM):

a) Curso de Comando e Estado-Maior (CCEM);

b) Curso de Direção para Engenheiros Militares (CDEM) - em anos pares

c) Curso de Chefia e Estado-Maior para Oficiais Médicos (CCEM/Med) - em anos ímpares;

d) Curso de Comando e Estado-Maior para Oficiais das Nações Amigas (CCEM/ONA); e

IV - Curso Preparatório à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (CP/ECEME).

Conforme o Regulamento da Escola, no que tange especificamente ao CCEM, este tem por objetivo habilitar Oficiais de carreira das Armas, Quadro de Material Bélico e do Serviço de Intendência para missões de Oficial Superior privativas do QEMA. Ou seja, o CCEM permite ocupar cargos e funções nas Organizações Militares do Exército, no Ministério da Defesa e nos Órgãos da Presidência da República, além de outros a critério do Comandante do Exército (BRASIL, 2016).

Neste sentido, Cursos de Altos Estudos Militares (CAEM) da ECEME, como o CCEM, devem ter o cuidado de desenvolver simulações que se traduzam em cenários possíveis para um Oficial do QEMA. Portanto, é necessário o ensino-aprendizagem que envolve a criação de situações problemáticas. Ao formular as situações-problema, cabe ressaltar que a profissão militar é caracterizada por fatores estressantes, portanto, o aluno é estimulado a encarar as simulações realizadas nos trabalhos escolares como interessantes e desafiadoras. Ou seja, o aluno deve ser capaz de desenvolver resistência ao estresse por meio da capacidade de enfrentar demandas e mudanças na medida em que forem impostas (DANTAS e SILVA, 2013).

Conteúdos atitudinais foram desenvolvidos, em alguma medida, ao longo da história da ECEME. No passado, a preocupação com o domínio afetivo contribuiu para a construção e consolidação dos símbolos desta Escola, ensejando a identidade e a

cultura organizacional do EB. Hoje, percebe-se um processo de ensino aprendizagem fortemente voltado para a incorporação dos conteúdos e atitudes inerentes ao Oficial do QEMA, contribuindo, seguramente, para o sucesso e o reconhecimento dos militares formados na ECEME, dentro e fora do país.

Os antecedentes do ensino baseado em competências, como os atributos da área afetiva (AAA), foram fundamentais para a adoção de práticas focadas na atitude do aluno no EB, a necessidade de trabalhar os aspectos afetivos nas escolas militares. Por outro lado, reconheceu-se que a compreensão atual do ensino de competências favorece possibilidades pedagógicas muito mais amplas para desenvolver e avaliar o conteúdo das atitudes para que seja aprendido mais adequadamente, o que permite a aquisição de qualificações militares que satisfaçam necessidades modernas e cenários desafiadores (BRASIL, 2016).

A abordagem de estimular os discentes do CCEM a resolver problemas militares complexos, mobilizando conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e experiências é altamente relevante e essencial para o desenvolvimento de líderes militares preparados para as complexas operações militares em cenários de guerra e não guerra.

A destreza para solucionar intrincadas situações de defesa envolve não apenas conhecimentos técnicos, mas também a aptidão de integração de múltiplas disciplinas e a aplicação prática desses conceitos em situações desafiadoras. Isso requer uma perspectiva multifacetada que prepara os oficiais para enfrentar uma variedade de contextos.

Os conteúdos atitudinais desempenham um papel fundamental na formação de líderes militares. Atitudes, valores e ética são componentes essenciais do caráter dos oficiais que lideram as tropas. A capacidade de tomar decisões éticas, liderar com integridade e manter a resiliência sob pressão é fundamental para o sucesso.

O treinamento em resolução de problemas militares desafiadores prepara os oficiais para as difíceis circunstâncias que podem surgir no mundo contemporâneo. Além das operações de guerra tradicionais, as Forças Armadas frequentemente são chamadas a responder a crises humanitárias, desastres naturais e outras adversidades não convencionais.

A capacidade de resolver problemas complexos está intrinsecamente ligada à liderança e à tomada de decisão. Os oficiais precisam liderar suas equipes, tomar decisões críticas e adaptar-se a circunstâncias em constante mudança.

Essa abordagem abrangente contribui para a formação de líderes militares capazes de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo com sucesso.

Certamente, o aprimoramento das competências do capital humano é essencial para qualquer instituição, especialmente em um ambiente complexo e em constante mudança como o mundo contemporâneo. “O militar brasileiro precisa ter qualificação e rusticidade. Dominar tecnologias e prática dentro do contexto de flexibilidade” (BRASIL, 2008, p. 16).

Os recursos humanos devem ser capazes de enfrentar os desafios da Guerra Atual e do Futuro, para a qual muitas tecnologias ainda estão em processo de concepção, demandando do militar do século XXI alto grau de flexibilidade e capacidade de autoaperfeiçoamento. Contudo, a capacitação técnica do militar jamais deve prescindir do culto aos valores e às tradições que possibilitaram a construção de um Exército vitorioso e respeitado. Os herdeiros de Caxias devem abraçar a modernidade sem descuidar-se dos aspectos que consubstanciam a ética militar (DIRETRIZ COMANDANTE DO EXÉRCITO, 2019)

A ênfase nos aspectos humanos da tomada de decisão e da liderança nas Forças Armadas, como mencionado na citação, refletem uma compreensão fundamental do papel crítico que os comandantes desempenham na eficácia das operações militares, especialmente em um ambiente operacional complexo e desafiador. Os comandantes não apenas traçam estratégias e planos, mas também motivam, inspiram e lideram suas tropas em ação. A liderança eficaz é um elemento-chave para o sucesso em qualquer operação. Isso inclui a capacidade de tomar decisões sob pressão, adaptar-se a cenários em constante mudança e manter a coesão e a moral das tropas.

Em resumo, a ênfase na liderança e na capacitação de comandantes é essencial para assegurar que as Forças Armadas estejam prontas para enfrentar os desafios do ambiente operacional contemporâneo. A combinação de soldados qualificados e comandantes eficazes desempenha um papel vital na defesa e na segurança de uma nação.

A partir deste ponto, cabe suspender brevemente o debate empírico e em nome do debate conceitual sobre estresse e trauma. Para tanto, a próxima seção é dedicada ao estudo desses conceitos, partindo das contribuições da psicologia e da psicanálise. Objetiva-se assim, continuar na elaboração do quadro que auxiliará a compreender qual o papel da psicologia no itinerário formativo dos Oficiais do Exército Brasileiro.

1.2 CONCEITO DE ESTRESSE E TRAUMA

O ser humano está exposto a diversas fontes de ansiedade, de variados tipos: perigos, problemas crônicos, mudanças de vida, transtornos etc. Segundo Sigmund Freud (1926), estudioso do comportamento humano e fundador da Psicanálise, aponta que os perigos reais e imaginários são fontes significativas de ansiedade e causadores de estresse, e agem como cargas crônicas que contribuem para esse estado emocional indesejado.

As contribuições de Freud e seus contemporâneos desempenharam um papel fundamental no entendimento dos efeitos psicológicos do trauma, especialmente a partir de suas observações durante a Primeira Guerra Mundial (I GM). Freud e outros psicanalistas pioneiros, como Sándor Ferenczi, trabalharam na compreensão e tratamento de pacientes que apresentavam sintomas peculiares desencadeados por experiências traumáticas com combatentes feridos na I GM (CANAVÉZ & HERZOG, 2011).

O estresse pode ser descrito como uma resposta física e psicológica natural às experiências de vida. Para Weiss (2016), o estresse pode originar-se desde responsabilidades cotidianas, como trabalho e família, até eventos graves da vida. Em situações de curto prazo, o estresse pode, até mesmo, fazer bem, sob um certo sentido, para a saúde humana, pois pode auxiliar determinadas pessoas a lidar com situações potencialmente desafiadoras. O corpo responde ao estresse liberando hormônios que aumentam a frequência respiratória e preparam o músculo cardíaco para responder.

Contudo, se a resposta ao estresse não for interrompida e estes níveis persistirem mais do que o necessário para a sobrevivência, a saúde pode ser comprometida. O estresse crônico pode causar uma variedade de sintomas e afetar a saúde em geral. Os sintomas incluem: irritabilidade, ansiedade, depressão, dores de cabeça e insônia (WEISS, 2016).

Segundo Hans Selye (1959), o primeiro estudioso que tentou definir este conceito, o estresse é um elemento inerente a toda doença, que produz modificações na estrutura e na composição química do corpo, as quais podem ser observadas e mensuradas. É o estado que se manifesta por meio da necessidade de adaptação a algo que se apresenta como novo e desafiador.

Para Selye (1959), reações fisiológicas podem surgir em resposta ao estresse, como mecanismos de adaptação ao estado desejado. Podemos citar sua ocorrência em três fases: (1) fase de alarme, caracterizada por manifestações agudas; (2) fase de resistência, quando as manifestações agudas desaparecem; e (3) fase de exaustão, quando há o retorno das reações da primeira fase, o que pode levar ao colapso do organismo. Selye (1959) afirma que o estresse pode se manifestar em qualquer das fases, embora suas evidências possam ser diferentes ao longo do tempo. Também se considerou o estresse como “a resposta inespecífica do corpo a qualquer coisa que lhe seja solicitada”. Logo, sendo coisas boas ou ruins, ambas geram as mesmas reações fisiológicas.

Pesquisas sobre estresse têm recebido atenção crescente dos círculos acadêmicos de saúde social e mental, com evidências de que estados de estresse de longo prazo podem afetar a saúde mental e a qualidade de vida das pessoas (KAPLAN, 1995; LIPP, 1997).

Um fator importante na compreensão das respostas ao estresse é a perspectiva do indivíduo sobre o evento estressante. Sentimentos de ansiedade diante de novos acontecimentos podem se manifestar nos indivíduos de forma positiva ou negativa. O estresse negativo ocorre quando a ansiedade está associada a sentimento de frustração e desconforto devido à percepção de um evento como ameaçador. O estresse positivo, por sua vez, corresponde ao nível de excitação de um indivíduo e à percepção do indivíduo sobre o evento causador de estresse como desafiador e motivador (FILGUEIRAS & HIPPERT, 1999).

Os elevados níveis de estresse crônico trazem consigo a redução da produtividade, a desmotivação, a irritabilidade, a impaciência, as dificuldades interpessoais, as dificuldades de relacionamento afetivo, o divórcio, as diversas doenças físicas, a depressão, a ansiedade e a infelicidade pessoal devido às licenças médicas e ao afastamento do trabalho necessários ao seu tratamento (LIPP, 2005b). Portanto, o estresse pode afetar o desempenho acadêmico e profissional dos Oficiais combatentes em suas diversas esferas.

O estresse resulta de qualquer circunstância que ameace ou seja percebida como uma ameaça ao bem-estar de uma pessoa e afete sua capacidade de enfrentamento. A ameaça pode ter um impacto imediato na segurança física, na reputação, na autoestima, na tranquilidade ou em coisas que as pessoas valorizam ou desejam preservar (CHIAVENATO, 2014).

Para Rodrigues (1997), estresse é como "uma relação particular entre uma pessoa, seu ambiente e as circunstâncias às quais está submetida, que é avaliada pela pessoa como uma ameaça ou algo que exige dela mais que suas próprias habilidades ou recursos, e que põe em perigo o seu bem-estar". Esta é uma visão biopsicossocial do estresse, que considera os estímulos estressores provenientes tanto do meio externo (estímulos de ordem física ou social, como o trabalho), quanto do interno (pensamentos, emoções, fantasias e sentimentos, como angústia, medo, alegria e tristeza).

Segundo Cunha e Almeida (1992), numa crítica à generalização do conceito de estresse, enfatizam que, desde que o conceito de estresse foi definido por Selye, em 1936, seu significado original tem sido adaptado de maneiras diversas. Em princípio, corresponderia a uma reação do organismo frente a agentes estressores externos que provocariam um aumento do nível de exigência aos seus "recursos", afetando a sua capacidade de equilíbrio interno. Com a continuidade desse estado, o organismo entraria em falência adaptativa e adoeceria.

Atualmente, não há uma definição clara do que realmente significa estresse, sendo este referido muitas vezes a um estado passageiro de cansaço ou tensão, ou ainda, a um distúrbio obscuro e duradouro. Outras vezes, tomam-se os agentes estressores no lugar do estado produzido por estes.

De acordo com Castiel (1994), no campo das pesquisas biomédicas e epidemiológicas, a teoria do estresse constitui um dos referenciais explicativos para abordar o processo saúde-doença. Segundo ele, o termo em inglês *stress*, que vem da mecânica, já encerra ambiguidades que não foram contornadas na conceituação biológica. Em primeiro lugar, o termo pode ser entendido como uma força exercida sobre um corpo que tende a deformar-se, ou como a intensidade dessa força. Pode também ser entendido como uma tensão mental ou física, a urgência ou a pressão que a causa. Assim, observa-se que o mesmo termo se refere tanto à causa quanto ao efeito.

Em se tratando de saúde mental e adoecimento do ser humano, por mais que haja diversas definições, não podemos deixar de lado a complexidade que envolve esses processos psíquicos e não só as dimensões que são possíveis observar, como também aquelas que são subjetivas nos indivíduos.

De acordo com a contextualização de Selye (1959), o estresse não se restringe às características observáveis e mensuráveis. Por isso, estar atento e identificar sinais

muitas vezes psicossomáticos^[1], que em grande parte se iniciam silenciosos e gradativamente, pode ser essencial na busca rápida por um acompanhamento de profissional especializado.

Muitas vezes, a origem do estresse também está relacionada a um trauma específico. Esses conceitos estão interligados na Psicologia, pois ambos afetam a saúde mental e podem incapacitar a vida dos indivíduos. Situações de grandes impactos, como mudanças na rotina, grandes perdas, violências e eventos traumáticos podem aumentar os níveis de estresse e tomar proporções que ultrapassam a capacidade que uma pessoa pode lidar.

O Psiquiatra Paul Conti (2022), faz uma analogia para o trauma:

Faz anos que penso no trauma como uma epidemia, mas recentemente a Covid-19 se espalhou por toda parte, e comecei a considerar o trauma como um vírus que também deixa em sua esteira muita gente morta ou sofrendo efeitos colaterais. Como o vírus da Covid-19, não é possível enxergar o trauma em si; só se vê seu funcionamento – silencioso e cruel. Enquanto prejudica uma pessoa, ele se duplica e pula para outra, depois, se espalha para mais outra e, muitas vezes, volta. Infelizmente, não há estudos nem testes em andamento de vacina para o trauma. E, até empregarmos todas as ferramentas disponíveis e finalmente enfrentarmos a ameaça do vírus do trauma, não só nossa felicidade e nosso bem-estar ficarão em perigo, mas nossa sobrevivência também.

Portanto, o estresse pode ser uma resposta normal a situações desafiadoras e pode não necessariamente resultar em problemas duradouros. Quando o estresse persiste ou é causado por eventos traumáticos, ele pode evoluir para um transtorno de estresse, como o Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT). Desse modo, embora o estresse e o trauma estejam relacionados por compartilharem respostas do corpo ao perigo recebido, eles têm causas e manifestações distintas e podem requerer abordagens diferentes de intervenção.

Vejamos de forma mais clara, na tabela a seguir, a relação que se constitui entre estresse e trauma:

Tabela 1 – Relação entre estresse e trauma

RELAÇÃO ENTRE ESTRESSE E TRAUMA		
	ESTRESSE	TRAUMA
CAUSAS	Pode ser desencadeado por uma variedade de situações ou eventos que são percebidos como desafiadores, ameaçadores ou exigentes. Essas situações podem ser de curto prazo (estresse agudo) ou de longo prazo (estresse crônico).	O trauma geralmente é causado por eventos traumáticos, como acidentes graves, abuso, violência, desastres naturais, combate militar, entre outros. O trauma é uma resposta a eventos que são percebidos como ameaçadores e que superam a capacidade da pessoa de lidar com eles.
RESPOSTAS	Quando uma pessoa enfrenta uma situação estressante, o corpo ativa uma resposta de "luta ou fuga" que envolve a liberação de hormônios do estresse, como o cortisol e a adrenalina. Isso prepara o corpo para lidar com a situação.	Em um evento traumático, a resposta de "luta ou fuga" pode ser acionada, mas muitas vezes não é suficiente para proteger a pessoa do perigo. Isso pode levar a uma sensação de impotência e desamparo.
MANIFESTAÇÕES	Os sintomas comuns de estresse incluem aumento da frequência cardíaca, tensão muscular, ansiedade, irritabilidade, dificuldade de concentração, insônia, entre outros.	O trauma pode resultar em sintomas de estresse agudo, como ansiedade, pesadelos, <i>flashbacks</i> , evitação de situações relacionadas ao trauma e sintomas físicos. Se esses sintomas persistirem por mais de um mês após o evento traumático, a pessoa pode ser diagnosticada com Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT).
DURAÇÃO	O estresse pode ser temporário e diminuir quando a situação estressante é resolvida. No entanto, se o estresse persistir por um longo período, pode levar a problemas de saúde física e mental.	O trauma pode ter efeitos duradouros e requer tratamento específico, como terapia de exposição, terapia cognitivo-comportamental ou terapia de processamento cognitivo, para ajudar a pessoa a lidar com as memórias traumáticas e a superar os sintomas.

Fonte: a autora

O público militar, como os Oficiais combatentes, dada a sua exposição ao combate e a incidentes traumáticos associados a exercícios de adestramento, missões de manutenção da paz e humanitárias, se torna um grupo de risco para o desenvolvimento de traumas (ASMUNDSON; STEIN; McCREARY, 2002).

Uma pesquisa americana revela que, após servir no Iraque, 12,2% dos fuzileiros e 12,9% dos soldados tinham sintomas relacionados ao TEPT, cujos traumas eram originados por diversos motivos, dentre eles indivíduos feridos em ação

ou pertencentes a unidades que se engajavam em tiroteios e conflitos diretos (KENNEDY; JONES; GRAYSON, 2005).

Desta forma, entende-se que a concepção do trauma como uma quebra ou ruptura é uma ideia fundamental na compreensão desse fenômeno. O trauma muitas vezes envolve uma experiência avassaladora que interrompe o funcionamento normal do sistema psíquico de uma pessoa. Essa interrupção pode resultar em uma incapacidade de processar e integrar a experiência traumática de maneira típica.

Segundo Meshulam-Werebe, Andrade e Delouya (2003), se destaca a ideia de que o trauma se apresenta, ou seja, ele se manifesta na vida da pessoa de maneira indesejada e muitas vezes perturbadora. Pode deixar uma impressão duradoura na psique do indivíduo, e a vivência de dor emocional intensa pode ser tão devastadora que o indivíduo não consegue encontrar palavras ou meios para processá-la adequadamente, o que o paralisa diante da vida.

1.2.1 TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO

Segundo Conti (2022), o Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) é uma condição problemática duradoura que pode resultar de um trauma. Existe uma série de síndromes que afetam negativamente a vida de um indivíduo após a ocorrência de um trauma e o TEPT é uma delas.

O evento traumático é qualquer acontecimento que interrompa o desenvolvimento do sujeito por exceder a capacidade de compreensão e resposta do indivíduo, dificultando-lhe a superação das adversidades (CYRULNIK, 2005). Eventos traumáticos desafiam a visão que o sujeito tinha do mundo como um lugar seguro, estável e com sentido.

No *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-V)*, em sua versão mais recente (2013), os eventos traumáticos fazem parte dos critérios diagnósticos das desordens relacionadas ao trauma e ao estresse. Os sintomas do TEPT incluem *flashbacks*, pesadelos recorrentes, pensamentos intrusivos, evitação de situações que lembrem o trauma, hiperestimulação, hipervigilância, irritabilidade e alterações no humor e no sono.

A *American Psychological Association* define o TEPT como “um evento no qual uma pessoa testemunha ou vivencia uma ameaça a sua própria vida ou segurança

física ou a de outros, experimentando medo, terror ou impotência” (VANDENBOS, 2010).

Mesmo com a possibilidade de serem tratáveis, muitas síndromes resultantes do trauma não são identificadas por quem as sofre e, não sendo detectada, pode agravar ainda mais as condições psíquicas de um indivíduo.

De acordo com o *National Comorbidity Survey*^[2], a prevalência de TEPT durante a vida é de aproximadamente 8% na população geral, sendo mais prevalente em mulheres (10,4%) do que em homens (5%). As experiências traumáticas mais comuns entre os homens são situações de combate e o testemunho de morte ou o ferimento de outra pessoa. Entre as mulheres, são mais frequentes as situações de estupro, molestamento sexual e abuso físico na infância. Nos países menos desenvolvidos, a causa mais comum é a violência.

Freud escreveu largamente sobre exposições traumáticas, quando em 1919, se reportou às neuroses de guerra como forma de estresse pós exposição ao trauma. Sua fala sobre estresse pós-traumático estava interligada intimamente aos conflitos internacionais e seus efeitos devastadores. Naquela ocasião, ele destacou suas observações sobre o comportamento humano após situações de estresse em combate, apresentando seu parecer sobre a existência dessas neuroses a uma comissão estabelecida pelo Ministério da Guerra da Áustria.

Esses conceitos de Freud se encaixam e podem ser transcritos para a atualidade. Os conflitos entre Israel, Egito e Síria, na guerra de 1973, geraram, cerca de 15 a 25 anos depois, um grave problema para as autoridades israelenses. Este problema refletiu inclusive economicamente, já que o serviço israelense de psiquiatria precisou emitir licenças médicas de trabalho e indenizações para veteranos acometidos de TEPT, anos depois da guerra (BERLIMA, 2003).

Freud escreveu sobre a neurose de guerra em vários textos de sua obra. Na Conferência XVIII (1916-1917) – Fixação em traumas: o inconsciente – Freud destaca que é possível que uma pessoa seja levada a uma parada tão completa, devido a um acontecimento traumático, que estremece os alicerces de sua vida, a ponto de abandonar todo o interesse pelo presente e pelo futuro, e manter-se permanentemente absorvida na concentração mental no passado (JAQUES, 2012).

Em 1889, Herman Oppenheim utilizou-se do termo “neurose traumática” ao designar perturbações nervosas que surgiam em consequência de catástrofes e tinham como sintomas pesadelos, distúrbios motores, sudoreses, ao mesmo tempo

que relatava a presença de dolorosos sentimentos depressivos (SCHESTATSKY; SHANSIS; CEITLIN; ABREU; HAUCK, 2003).

O trauma psíquico, ou a lembrança do trauma, atua como um corpo estranho que, muito depois de sua entrada, continua como um agente que ainda se acha em ação. Há a hipótese de que o trauma reativou um conflito psicológico anteriormente quiescente, embora não resolvido (MESHULAM-WEREBE, 2003).

Essas reações traumáticas podem se transformar em sequelas que poderão ou não modificar o comportamento dos profissionais expostos a essas situações, sendo aconselhável submetê-los, logo após o ocorrido, a um acompanhamento psicológico. Pesquisas mostram que, considerando-se o desenvolvimento do Transtorno de Estresse Pós-Traumático e a natureza do trauma experimentado, a violência interpessoal é tida como um forte fator causal e, comparada às catástrofes naturais e acidentes, seus efeitos são mais duradouros. Na fase inicial de transtornos causados por terremotos, furacões e acidentes pode haver consideráveis sintomas relacionados ao trauma, mas os efeitos tendem a diminuir mais rápido que no caso de violência interpessoal (SENA, 2019).

Segundo a Associação Americana de Psicologia (2013), o transtorno de estresse pós-traumático é uma condição clínica debilitante. Pessoas com TEPT têm memórias recorrentes, involuntárias e intrusivas de eventos estressantes e podem experimentar mudanças repentinas de humor e envolver-se em comportamento verbal e/ou fisicamente agressivo com pouca ou nenhuma provocação. Eles também podem apresentar comportamentos imprudentes ou autodestrutivos, como direção perigosa, consumo excessivo de álcool ou drogas, ou comportamento de automutilação ou suicídio.

Depois da Guerra do Vietnã, muitos veteranos sofreram com esses sintomas de TEPT e isso contribuiu para sua compreensão e a conscientização. No entanto, o transtorno não é exclusivo a eles; afeta uma ampla gama de pessoas que tenham vivenciado ou testemunhado eventos traumáticos em suas vidas. O reconhecimento do TEPT tem levado a avanços na compreensão e no tratamento de transtornos relacionados ao trauma em todo o mundo (BERGER, 2006).

Dados epidemiológicos sugerem que cerca de 9% das pessoas que passam por um evento traumático desenvolverão TEPT (KESSLER, 1995). Mesmo que não haja TEPT identificado clinicamente, algumas pessoas ainda podem ficar imobilizadas

pela experiência traumática e outras retomarão o seu desenvolvimento de forma natural (CYRULNIK, 2009).

Segundo Osório e Maia (2010), um estudo exploratório realizado pela Universidade do Minho, entre 2005 e 2009, mostrou que 10% dos militares portugueses em serviço no Afeganistão sofriam de estresse pós-traumático.

O diagnóstico de TEPT foi um recurso básico do Corpo Médico dos Estados Unidos durante as guerras do Iraque e do Afeganistão, pois 20% dos soldados sofreram de TEPT (SELIGMAN, 2011).

Kapczinski e Margis (2003) afirmam que determinados indivíduos apresentam TEPT por longos períodos, como foi observado pelo *National Vietnam Veterans Readjustment Study (NVVRS)*, constatando que 19 anos após a exposição ao combate, 15% dos veteranos de guerra permaneciam com TEPT.

É importante salientar que a estrutura da personalidade e a história de vida anterior ao trauma têm a capacidade de interferir na experiência que levará o indivíduo a desenvolver um transtorno de estresse pós-traumático. A capacidade de resiliência e o potencial *hardiness*^[3] frente a agentes estressores serão pontos chaves para evolução ou estagnação de sofrimento psíquico do indivíduo.

Para o tratamento do TEPT são necessários terapia cognitivo-comportamental (TCC) e abordagens psicodinâmicas. Em alguns casos, a terapia medicamentosa será incluída também, de acordo com a necessidade.

Embora uma história de trauma seja comum na população em geral, o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) permanece subdiagnosticado e, até que ele seja considerado um diagnóstico primário, não será possível estender o cuidado a outras comorbidades psicossomáticas.

Os sintomas em pessoas com TEPT podem passar despercebidos e permanecer não reconhecidos. O medo da incompreensão e a vergonha em se mostrar vulnerável inibem o tratamento adequado, fazendo com que a condição possa piorar. Isso destaca a necessidade de treinar equipes de saúde para diagnósticos mais precisos de TEPT e suas respectivas comorbidades com a finalidade de buscar um tratamento adequado.

1.3 ESTRESSE E TRAUMA NO COTIDIANO DO OFICIAL COMBATENTE: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

O Exército Brasileiro é uma instituição baseada nos pilares da hierarquia e disciplina, que torna as relações de trabalho mais tensas e a rotina mais inflexível. Tais atividades podem colaborar para um aumento do nível de estresse dos militares (FIGUEIREDO, 2021).

O estresse e o trauma podem ser elementos frequentes no cotidiano dos oficiais combatentes do Exército Brasileiro, e promovem desafios significativos devido à natureza das suas funções, às demandas emocionais e psicológicas que esses militares enfrentam e ao ambiente em que operam. Esses fatores podem ter um impacto significativo na saúde mental e emocional, exigindo intervenção e apoio adequados (AFONSO; GOMES, 2009).

A exposição a estas potenciais fontes de tensão têm sido associada a múltiplos problemas, desde a componente mais física (ex: doenças cardiovasculares, elevado colesterol, problemas de estômago etc.), até uma dimensão mais psicológica, relacionada vulgarmente a desordens mentais e ao “stress” pós-traumático o (ABDOLLAHI, 2002; CARLIER, LAMBERTS, & GERSONS, 2000; STEPHENS, LONG, & FLETT, 1999; VIOLANTI, 2006).

Sintomas de estresse dentro do perfil de um oficial combatente se agrupam nas categorias física, cognitiva, comportamental, emocional, conduta inadequada e adaptação (CAMPISE, 2006). Variados agentes, como os descritos nas linhas subsequentes, não esgotam o assunto, nem são os únicos indicativos. Para reconhecer o estresse leva-se em conta a duração, a intensidade e a frequência de variados sintomas.

São muitas as atividades estressoras operacionais que os oficiais frequentemente enfrentam, podemos citar algumas: operações de manutenção da paz, treinamento intensivo e desdobramentos em áreas de conflito, cursos de formação em níveis variados de desafios etc. Esse estresse operacional pode resultar também de longas horas de trabalho, falta de sono, exposição a situações perigosas e a pressão para tomar decisões críticas em momentos de grande tensão.

O estresse operacional está presente quando militares participam de operações diferentes de guerra, tais como a manutenção da paz, demonstrações de força,

esforços de paz e assistência humanitária (WRIGHT; HUFFMAN; ADLER; CASTRO, 2002). As regras de engajamento de tais ações podem diferir das de combate convencional. Os desafios são variáveis.

O trauma derivado das funções de combate também é uma preocupação significativa. Os oficiais podem ser expostos a situações traumáticas, testemunhando ou experimentando eventos violentos, perdendo colegas ou vítimas civis. Isso pode levar ao desenvolvimento de TEPT e outras condições relacionadas ao trauma (KENNEDY, 2009).

Durante implantações ou missões em áreas remotas ou de conflito, os militares podem enfrentar isolamento geográfico. O isolamento geográfico e as condições de vida fora das habituais, durante missões e em locais remotos ou de conflito, também aumentam o estresse e o impacto psicológico. Eles podem enfrentar solidão, falta de contato com suas famílias e dificuldades nas condições de habitação (SIMAS, 2023).

O risco de problemas de saúde mental, como depressão, ansiedade, *Burnout* e TEPT, também podem ser elevados no ambiente militar, especialmente durante ou após implantações em zonas de conflito. O apoio social desempenha um papel importante na mitigação do estresse e do trauma. O apoio de colegas, líderes e serviços de saúde mental é fundamental para ajudar esses oficiais a enfrentarem os desafios emocionais (MONTEIRO, 2023).

A confiança em seus comandantes também pode afetar a ocorrência do estresse (CANADIAN ARMY LESSONS LEARNED CENTRE, 2004). A confiança é conquistada quando líderes demonstram “saber o que deve ser feito, como deve ser feito, quem deve fazê-lo e em quanto tempo a tarefa deve ser concluída” (U.S. DEPARTMENT OF THE ARMY, 2000).

O estresse e o trauma podem se estender para fora da caserna e afetar as relações pessoais dos militares, incluindo suas famílias, devido ao aumento da irritabilidade, distanciamento emocional e outros sintomas associados. Para esse distanciamento familiar, estudos comprovam que pessoas que estão separadas de pessoas próximas, família e amigos, podem tornar-se indecisas, ansiosas, desorientadas, infelizes e até desestabilizadas emocionalmente, podendo experimentar mudanças de humor incomuns e, até mesmo, perda de controle, acessos de violência e o próprio estresse em níveis variados (DUCK, 1991).

Podemos mencionar, ainda, que a incapacidade ou o baixo desempenho físico, por vezes temporários, pode vir a constituir um agente estressor para o Oficial. Estar

afastado de suas funções normais por algum motivo de saúde, como em casos de militares que enfrentaram problemas diversos de saúde, acidentes no próprio trabalho ou lesões físicas, necessitam de uma reabilitação que, além de física, também deve ser psicológica, pois é fundamental para sua reintegração às atividades que lhe são peculiares. Em alguns casos, o TEPT se associa a essas condições debilitantes.

Verifica-se, também, que o estresse e o trauma podem induzir ao abuso de substâncias como álcool, remédios controlados, dentre outros. Mais gravemente, podem, ainda, levar ao aumento do risco de suicídio entre militares. Portanto, a prevenção contra essas condições é fundamental (KENNEDY, 2009).

Estima-se que mais de 90% das pessoas que cometem suicídio apresentam distúrbios psiquiátricos, como desordens do estado mental, depressão e distúrbio bipolar, que constituem a maioria dos diagnósticos (KENNEDY, 2009).

A saúde mental dos oficiais combatentes é uma preocupação importante para garantir seu bem-estar e desempenho eficaz em suas funções. Porém, no serviço militar ainda há tradicionalmente muitas barreiras ao acesso à saúde mental, tais como demandas de trabalho e o medo de que o tratamento possa afetar negativamente a carreira.

A questão é que as potenciais consequências do estresse da rotina militar, especialmente nos quartéis, podem ter um impacto negativo enorme na saúde do oficial, seja física ou mental. É verdade que as raízes do problema são rotineiras, mas alguns indivíduos são menos capazes de lidar com elas do que outros, o que significa que determinados militares são afetados pelas complicações psicológicas dos estressores e outros não (COSTA, 2019).

Algumas pessoas lidarão melhor com experiências negativas, expressarão maior competência, maior autoestima e autoeficácia, apresentar-se-ão como mais positivas em relação à vida e terão a capacidade de dar sentido às experiências, mesmo as traumáticas. Fatores de proteção e resiliência podem moderar as reações ao estresse, reduzir a chance de ruptura e podem até produzir “crescimento pós-traumático”, com mudanças de valores e uma atitude positiva perante a vida (SENAP, 2019).

Da mesma forma, os sintomas de depressão que surgem pós-eventos traumáticos também podem reduzir o rendimento profissional. Entre os militares, o estresse familiar, o consumo excessivo de álcool, o uso de drogas ilícitas ou de medicamentos controlados, e uma postura negativa de enfrentamento aos problemas

certamente interferirão em suas funções. Esses dados sugerem que o desempenho de homens e mulheres nas Forças Armadas é afetado após exposição a estressores relacionados ao trabalho e à saúde ou em função da depressão (BRAY, 2010).

Situações estressantes da vida podem estimular várias mudanças emocionais e fisiológicas, que podem ser caracterizadas por respostas psicológicas ao estresse. Geram consequências graves no bem-estar dos indivíduos, causando, com frequência, cansaço mental, dificuldade de concentração, perda de memória imediata, crises de ansiedade e de humor, e doenças físicas devido à degradação do sistema imunológico, como também aumento no apetite, na ingestão de álcool e de outras substâncias (LIPP, 2006; LIPP & MALAGRIS, 2001; MARGISET al., 2003).

É claro que a sobrecarga constante e a pressão excessiva ao longo do tempo e a busca por resultados satisfatórios no trabalho em um mundo altamente competitivo são as maiores causas de estresse no trabalho (LIPP, 2010).

Irritabilidade geral, hiperatividade ou depressão, fadiga, perda de interesse, ansiedade, impaciência, distúrbios digestivos, distúrbios menstruais, anorexia, palpitações, instabilidade emocional, incapacidade de concentração, fraqueza ou dor, tensão, tremores, nervosismo, tiques, insônia, tensão muscular, enxaqueca, associados ou não, são grandes indicadores de estresse e suas ramificações, pois são sintomas psicossomáticos. Ou seja, problemas físicos causados por sofrimento emocional. Representam a ligação direta entre a saúde emocional e a física, e, quando há um sofrimento psicológico, pode, de alguma forma, acabar causando ou agravando uma doença física (CUNHA, 2000).

É relevante salientar que a existência do estresse e do agente estressor é essencial no treinamento de um indivíduo para o meio militar. A reserva psicológica individual e a capacidade de superar estas situações é que será o fator diferencial para que o estresse não se transforme em algo prejudicial e por vezes um trauma (ZILLMER, 2009).

As medidas que visam à redução do estresse também diminuem efetivamente o número de transtornos de ansiedade no meio militar, além da prevenção de outras patologias crônicas já citadas. Isso evita que uma pessoa sofra os efeitos do estresse e venha a prejudicar seu desempenho na formação, durante treinamentos ou na carreira propriamente dita.

Estratégias de gestão do *stress*, tanto para os cadetes na formação militar como para oficiais combatentes em serviço ativo, podem ser benéficas para melhorar

o treino e o desempenho militar, e tornar esses indivíduos mais resilientes a lidar com agentes estressores, aumentando o sucesso em suas operações e a satisfação pessoal (PICANO, 2009).

A necessidade de um olhar psíquico para estas questões contribui para a redução do índice de morbidade e de afastamento, decorrente do estresse profissional cumulativo e do TEPT, devido à exigência de elevada especialização e às circunstâncias de trabalho adversas, nas quais se faz de tudo, com grande carga de responsabilidade, constantes tomadas de decisão e elevada capacidade de lidar com mudanças, pois, nas situações-limite, o desafio é a superação da impotência e do desamparo (ZILLMER, 2006).

2. REVISÃO DA ESTRUTURA CURRICULAR DA FORMAÇÃO DE OFICIAIS

O capítulo anterior apresentou a base metodológica e conceitual que dá suporte ao desenvolvimento deste trabalho, bem como uma ambientação sobre o estresse e o trauma que permeiam a natureza da profissão militar, especificamente do oficial combatente do Exército.

O presente capítulo – em busca de respostas para compreender o funcionamento da infraestrutura do apoio psicológico do Curso de Formação e Graduação de Oficiais de Carreira da Linha de Ensino Militar Bélico do Exército (CFO/LEMB), na EsPCEEx e AMAN – traz uma revisão da estruturação curricular destas, utilizando como base a documentação currículo-pedagógica que norteia o planejamento global do ensino para essas escolas.

Nessa direção, foram examinados os documentos curriculares do CFO/LEMB, relativos à EsPCEEx (1º ano) e à AMAN (2º ao 5º ano). Estes documentos, contidos nas Instruções Reguladoras do Ensino por Competências - 4ª Edição (IREC–EB60-IR-05.008) abrangem Perfis Profissiográficos, Planos de Disciplinas (PLADIS), Planos Integrados de Disciplinas (PLANID) e Quadro Geral de Atividades Escolares (QGAEs) (BRASIL, 2016).

I - Perfil Profissiográfico: documento definidor das competências profissionais, das atitudes, das capacidades e dos valores desejáveis à ocupação de cargos e ao desempenho das funções para as quais o curso ou estágio qualifica (IREC-EB60-IR-05.008).

II - Plano Integrado de Disciplinas (PLANID): documento de planejamento pedagógico que enfoca as atividades de ensino-aprendizagem no âmbito de um conjunto de disciplinas. Estabelece os módulos que integram as disciplinas, passíveis de integração, em um contexto específico (IREC-EB60-IR-05.008).

III - Plano de Disciplinas (PLADIS): documento de planejamento pedagógico que enfoca as atividades de ensino-aprendizagem no âmbito de uma disciplina. Indica a competência principal, as unidades e elementos de competência, estabelece as unidades didáticas e assuntos, os objetivos de aprendizagem/eixo transversal, as cargas horárias, a grade de avaliação, as orientações metodológicas (procedimentos didáticos e indicações básicas de segurança) e as referências bibliográficas (IREC-EB60-IR-05.008).

IV - QGAEs: documento que oferece uma visão abrangente das atividades escolares vinculadas a um curso ou estágio. Sua finalidade é simplificar o preenchimento dos históricos escolares e apoiar o planejamento da gestão escolar. Esse documento consolida informações sobre disciplinas e suas respectivas cargas horárias, atividades interdisciplinares, atividades de complementação do ensino e iniciativas relacionadas à gestão escolar (IREC-EB60-IR-05.008).

Assim, pretende-se deixar mais claro ao leitor a estrutura de natureza pedagógica que acompanhará inicialmente o aluno da EsPCEX até a sua conclusão de curso na AMAN, como Aspirante a Oficial, com a possibilidade de ilustrar de forma mais significativa o papel que a Psicologia ocupa nesse itinerário formativo.

2.1 ESTRUTURAS CURRICULARES DA ESPCEX E DA AMAN

A trajetória da vida civil para a militar, com educação numa academia militar, segundo Janowitz (1964), é a experiência mais crucial de um soldado profissional, já que esta mudança se dá de forma “abrupta e súbita”. Na Academia Militar de *West Point* do Exército Norte-Americano, esta fase é denominada como *beast barracks*, onde o próprio termo refere-se a um tratamento de choque com objetivo de impressionar o novo cadete a erradicar os hábitos relacionados à sua vida civil e ainda dar-lhe confiança no enfrentamento à novas regras neste itinerário dentro da Academia (Masland e Radway, 1957).

É importante salientar que a compreensão completa da identidade militar não se dá apenas pelas regras e comportamentos rígidos que permeiam a formação, mas é também pertencente a uma educação singular, mais especificamente da constituição cognitiva, na qual a aprendizagem é distribuída em diferentes disciplinas em nível de excelência e de forma abrangente, o que já a diferencia de outros cursos de graduação existentes.

Nessa concepção, observa-se que, desde o ingresso na EsPCEX, o ensino militar regula-se por competências. As disciplinas relacionadas no PLANID destacam-se pela importância do desenvolvimento do aluno por meio da apresentação de situações-problemas, criando oportunidades mentais de resolução que tornará a aplicabilidade viável em situações reais de combate.

De acordo com as IREC–EB60-IR-05.008, temos como definição do ensino por competências:

Art. 2º Competência é a ação de mobilizar recursos diversos, integrando-os, sinérgica e sincronicamente, para decidir e atuar em uma família de situações (IREC–EB60-IR-05.008).

Art. 3º O desenvolvimento das competências está relacionado à solução sistemática de situações-problema que oferecem ao aluno um repertório de esquemas mentais que oportunizam o fundamento para que, frente a uma situação real, sejam mobilizadas as competências necessárias a uma solução adequada (IREC–EB60-IR-05.008).

O Exército Norte-Americano também destaca a adoção do ensino por competências como estratégia para capacitar seus profissionais a atuarem no complexo mundo moderno, conforme delineado no documento *"The U.S. Army Learning Concept for Training and Education 2020-2040"*, evidenciado a seguir:

O Exército é uma organização de aprendizagem. Portanto, a visão do Exército é realizar a imersão de Soldados e Servidores Civis em uma aprendizagem progressiva, contínua, centrada no aluno e baseada em competências desde o primeiro dia de serviço. Dentro desse ambiente, o Exército aplica um programa abrangente, combinando treinamento, educação e experiência para desenvolver recursos ágeis, adaptáveis e Soldados inovadores, Servidores Civis e equipes capazes de lutar contra inimigos elusivos e vencer em um mundo complexo. O Exército pretende se concentrar no aluno para fortalecer e desenvolver competências que permitam aos líderes construir equipes confiáveis e coesas capazes de ganhar em todos os ambientes e em todos os domínios (UNITED STATES ARMY, 2017).

Aprofundando esse entendimento, expõe-se ainda como características do ensino por competências, os seguintes itens descritos no Art. 4º das IREC– EB60-IR-05.008:

- I - buscar desenvolver a autonomia e o pensamento crítico e reflexivo;
- II - necessariamente, é contextualizado em situações passíveis de serem vivenciadas pelo discente, quando de sua atuação profissional ou em sua vida cotidiana;
- III - fundamenta-se na interdisciplinaridade, pois, dificilmente, soluciona-se um problema sem integrar conhecimentos de áreas diversas;
- IV - tem o discente no centro do processo ensino-aprendizagem; e
- V - privilegia o aprender-a-aprender.

Considerando o exposto e partindo para uma análise do Perfil Profissiográfico, documento que define competências profissionais, atitudes, capacidades e valores desejáveis à ocupação de cargos, o CFO/LEMB tem por objetivo preparar homens e mulheres de ação, orientados pelo Código de Honra do Cadete, que preconiza o culto à verdade, lealdade, probidade e responsabilidade.

Esses indivíduos serão imbuídos de valores e atitudes, possuindo liderança, pensamento integrador e vasto conhecimento militar. A formação visa capacitá-los a utilizar a força de maneira ética, em ambientes humanizados, interagências, conjuntos e combinados. Além disso, espera-se que dominem a gestão de pessoas, processos e recursos, consolidando, assim, as competências necessárias para a arte de comandar (IREC-EB60-IR-05.008).

Além disso, destaca-se, ainda, como finalidades da formação:

- a. Habilitar o concludente para ocupar cargos e desempenhar funções dos postos de 2º e 1º tenentes e de capitão não aperfeiçoado nas Organizações Militares (OM) do EB.
- b. Graduar o concludente Bacharel em Ciências Militares.

Nesse contexto, cabe pontuar que existem eixos transversais que compõem os Perfis Profissiográficos. Segundo o Ministério da Educação, a educação transversal é conceituada da seguinte forma:

[...] temas que estão voltados para a compreensão e para a construção da realidade social e dos direitos e responsabilidades relacionados com a vida pessoal e coletiva e com a afirmação do princípio da participação política. Isso significa que devem ser trabalhados, de forma transversal, nas áreas e/ou disciplinas já existentes (MENEZES; SANTOS, 2001, p. 1).

Nesse recorte, dentro de uma perspectiva de educação transversal, temos os eixos como norteadores relacionados aos elementos atitudinais, as habilidades cognitivas, as capacidades físicas e motoras, e os valores. Eles constituem componentes essenciais para a mobilização das competências, sendo definidos da seguinte forma (EB60-IR-05.008 - Art. 11. § 2º):

I - os conteúdos atitudinais representam padrões de comportamento relativamente duradouros, fundamentados em processos de aprendizagem tanto individuais quanto sociais;

II - capacidades cognitivas ou físicas e motoras são fundamentais para que o sujeito esteja apto a concluir uma tarefa, ou seja, mobilizar uma competência, podem ser preexistentes ou desenvolvidas, de forma planejada, ao longo das atividades de ensino;

III - valores são princípios éticos e morais que conduzem a vida de uma pessoa ou grupo social, para o Exército Brasileiro os valores estão definidos em legislação própria (EB60-IR-05.008).

Considerando o exposto, é possível verificar na tabela abaixo quais são os eixos transversais considerados no CFO/LEMB e como se categorizam dentro dos elementos que irão direcionar o alcance das competências.

Tabela 2 - Eixos Transversais que são trabalhados dentro dos objetivos de aprendizagem de acordo com o Perfil Profissiográfico

EIXOS TRANSVERSAIS QUE SÃO TRABALHADOS DENTRO DOS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM DE ACORDO COM O PERFIL PROFISSIOGRÁFICO				
Nº	A - ATITUDES	B - CAPACIDADES COGNITIVAS	C - CAPACIDADES FÍSICAS E MOTORAS	D - VALORES
1	Abnegação	Abstração	Agilidade	O patriotismo, traduzido pela vontade inabalável de cumprir o dever militar e pelo solene juramento de fidelidade à Pátria até com o sacrifício da própria vida.
2	Adaptabilidade	Análise	Coordenação Motora	O civismo e o culto das tradições históricas.
3	Autoconfiança	Atenção Seletiva	Equilíbrio Dinâmico	A fé na missão elevada das Forças Armadas.
4	Camaradagem	Avaliação	Equilíbrio Estático	O espírito de corpo.
5	Combatividade	Capacidade Linguística (Idiomas Português e Inglês)	Equilíbrio recuperado	O amor à profissão das armas e o entusiasmo com que é exercida.
6	Cooperação	Comparação	Flexibilidade Corporal	O aprimoramento técnico-profissional.
7	Decisão	Compreensão de Padrões Lógicos	Força Dinâmica	A coragem, traduzida no senso moral intenso diante dos riscos ou perigo, onde é demonstrada a bravura e a intrepidez.
8	Disciplina	Criatividade	Força estática	-

9	Discrição	Julgamento	Força Explosiva	-
10	Equilíbrio Emocional	Planejamento	Resistência Física aeróbica	-
11	Honestidade	Raciocínio Dedutivo	Resistência física anaeróbica	-
12	Iniciativa	Raciocínio Indutivo	Resistência física muscular localizada	-
13	Organização	Resolução de Problemas	Velocidade de locomoção	-
14	Persistência	-	-	-
15	Responsabilidade	-	-	-
16	Rusticidade	-	-	-
17	Sociabilidade	-	-	-

Fonte: Perfil Profissiográfico do CFO/LEMB

Os princípios apresentados na tabela acima são aplicados pelo Exército Brasileiro com o propósito de fomentar, entre os cadetes da AMAN, uma compreensão abrangente de seu papel em diversos aspectos da sociedade. Isso inclui a esfera política, social, jurídica, cultural, científico-tecnológica, humanística, educacional e ambiental nas várias instalações militares distribuídas por todo o território nacional, desde os pontos mais orientais até os mais ocidentais, e dos extremos norte ao sul (XAVIER, 2017).

O currículo por competências vai além da abordagem disciplinar, que consiste em um conjunto de disciplinas isoladas e organizadas logicamente. Ele adota uma perspectiva integradora, promovendo a busca pela interdisciplinaridade e completude no desenvolvimento dos eixos transversais.

Os valores, transmitidos durante a formação acadêmica, na concepção de Ludwig (1998), têm o propósito de internalizar na mentalidade dos alunos a ideologia da instituição, integrando a doutrina do Exército à rotina e à formação dos discentes.

Por meio dessas atividades o aluno assimila os valores de obediência, submissão, dependência, paternalismo, assiduidade, pontualidade, racionalidade e meritocracia. Adquire também a concepção de mundo e de vida em sociedade eminentemente estável e harmoniosa, isto é, uma cosmovisão determinista funcionalista (LUDWIG, 1998, pp. 22-23).

Compreendendo a base dessa estrutura didático-pedagógica, na sequência da análise, verifica-se que a constituição curricular estabelecida pelo PLANID e suavizada em partes específicas do PLADIS, apresenta-se por meio de disciplinas, nas quais os conteúdos seguem uma sequência e se reforçam mutuamente. No plano temporal, os conteúdos são dispostos ao longo de etapas de formação (cada ano dentro do estabelecimento de ensino) e ao mesmo tempo no plano de uma mesma fase desse processo, estabelecendo relações entre as diversas áreas e determinando o efeito cumulativo que encadeia as experiências educacionais dos futuros oficiais.

O Sistema de Ensino do Exército fundamenta-se no princípio da continuidade, visando a integrar o militar ao longo de toda a sua carreira. A abordagem educacional deve ser dinâmica, proporcionando, a cada momento, a contextualização do militar em seu tempo, abarcando tanto a perspectiva da conjuntura nacional quanto mundial. Além de preparar os recursos humanos para atender às demandas específicas da Força Terrestre, o ensino no Exército tem o propósito de capacitá-los para interagir em todos os níveis com a sociedade brasileira (DIRETRIZ ESTRATÉGICA DE ENSINO DO EXÉRCITO BRASILEIRO, 2002).

Essa diretriz visa a preservar um sistema educacional exclusivo, organizado em diferentes níveis, categorias e fases de ensino, com o intuito de capacitar recursos humanos por meio de atividades educacionais, instrucionais e de pesquisa (BRASIL, 2002).

A estrutura das disciplinas da formação do oficial combatente proporciona, ainda, uma visão global dos campos de conhecimento estudados e disponibiliza acesso a ideias mais significativas e relevantes, que posteriormente como profissionais, poderão aplicar em áreas correlatas, como no caso de suas especialidades de formação.

A Política de Ensino do Exército estabelece que o ensino é uma atividade de alta prioridade, sendo essencial manter constantemente atualizados os recursos humanos em consonância com o progresso e a evolução em todas as áreas do conhecimento. Seu objetivo principal é qualificar os recursos humanos necessários para ocupar cargos e desempenhar funções tanto em tempos de paz quanto de guerra, por meio de atividades educacionais, de instrução e de pesquisa.

O ensino visa a atender às demandas por recursos humanos profissionais do Exército, alinhando-os com a contemporaneidade e fundamentando-os nos princípios da moral e ética militares, além de estar em conformidade com os valores históricos e culturais tanto do Exército quanto do povo brasileiro (BRASIL, 2002a, p. 1).

Em apoio a essa argumentação, é possível reafirmar o quanto a formação de um oficial combatente é peculiar e exigente de alto nível de aprendizagem. É um ensino projetado para ser desafiador e abrangente, visando a preparar os futuros oficiais do Exército Brasileiro de maneira integral e eficaz, o que exige dos cadetes dedicação intensa aos estudos.

A pressão do tempo também é um fator significativo diante de um processo curricular de ensino/aprendizagem de excelência, uma vez que os alunos precisam equilibrar suas responsabilidades acadêmicas, militares e pessoais de maneira eficiente. É necessário conciliar o desenvolvimento de conhecimentos teóricos, mas também promover habilidades práticas, liderança e ética militar, o que muitas vezes pode ser fator de exaustão e elevar o nível de estresse durante a formação.

[...] do curso na EsPCEX é de internato e a frequência do aluno às atividades escolares é obrigatória, sendo considerada ato de serviço. A duração dos tempos de aula, instrução ou de outras atividades escolares é de 50 minutos e o aluno será considerado aprovado no 1º Ano do Curso de Formação e Graduação de Oficiais de Carreira da Linha de Ensino Militar Bélico e estará habilitado para o ingresso na AMAN [...] (Escola Preparatória de Cadetes do Exército – EsPCEX).

O ensino nas duas etapas distintas de formação, tanto na escola em Campinas como na academia em Resende, tem como objetivo proporcionar ao militar o embasamento cultural necessário para o avanço em sua carreira militar. Nesse contexto, não existem disciplinas opcionais, todas são obrigatórias.

Na EsPCEEx, as disciplinas são distribuídas da seguinte forma no QGAEs:

Tabela 3 - Disciplinas do 1º ano do CFO/LEMB (EsPCEEx)

1º ANO DO CFO/LEMB (EsPCEEx)	
DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
CÁLCULO I	90
INTRODUÇÃO À COMPUTAÇÃO	60
LÍNGUA INGLESA I	90
LÍNGUA PORTUGUESA I	90
FÍSICA I	75
QUÍMICA	75
HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO	30
INTRODUÇÃO ÀS TÉCNICAS MILITARES I	95
TÉCNICAS MILITARES I	81
TÉCNICAS MILITARES II	186
TFM I	50
TFM II	108
TFM III	104
CARGA HORÁRIA PARCIAL	1.134

ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES (Situações integradoras)	
MÓDULO SITUAÇÃO INTEGRADORA (Operação Cadete)	44
CARGA HORÁRIA PARCIAL	44
ATIVIDADES DE COMPLEMENTAÇÃO DO ENSINO	
CONFERÊNCIAS E PALESTRAS	48
OLIMESCO	38
ATIVIDADE PSICOPEDAGÓGICA	16
VISITA À AMAN	18
ESTUDO	183
RECUPERAÇÃO DA APRENDIZAGEM	78
CARGA HORÁRIA PARCIAL	381
ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS ESCOLARES	
SOLENIIDADES E TREINAMENTOS	72
DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE MILITAR	32
À DISPOSIÇÃO DO COMANDO	19
À DISPOSIÇÃO DA DIVISÃO DE ENSINO	4
CARGA HORÁRIA PARCIAL	127
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO	1.686

Fonte: Aditamento Seção de Ensino Nº 24/2022 ao Boletim Nº 14 da DESMIL

Viver a rotina de um aluno aspirante à oficial é um grande desafio, enfrentando todas as cobranças e restrições que a transição da vida civil para a rotina de um soldado exige. Um jovem de cerca de dezoito anos liderando uma fração com pelo menos trinta e seis homens, podendo chegar a mais de uma centena, e emitindo ordens audíveis para todos.

Este mesmo estudante enfrenta responsabilidades adicionais, como estar pronto às 05:50 da manhã, manter higiene pessoal, arrumar a cama, garantir a impecabilidade do alojamento e do uniforme. Para aqueles que ainda não dominam as técnicas, o despertador precisa ser configurado com antecedência. Não há horário fixo para dormir, pois há tarefas pessoais e estudo de matérias universitárias; mas às 22:00 horas todas as luzes devem estar apagadas e nenhum barulho é permitido. Para um recém-ingresso na escola, lidar com essa intensa pressão se torna ainda mais desafiador (ALMEIDA, 2019).

Ainda segundo Almeida (2019), além dos desafios já mencionados, uma das principais preocupações do aluno durante o ano na Preparatória é o chamado "exercício no terreno". Na EsPCEX, são realizados dois desses exercícios. O primeiro exercício, com duração de 4 dias, representa a primeira vivência dos alunos em um ambiente externo de campanha. O segundo, conhecido como "Exercício de Longa Duração", se estende por 5 dias, e todos os conhecimentos militares essenciais adquiridos ao longo do ano de instrução são intensamente testados. Ambos os desafios ocorrem em condições desfavoráveis, incluindo privação alimentar, baixas temperaturas e esgotamento físico e mental.

Após um longo ano de vivência em Campinas, o aluno aprovado ingressa na AMAN. O processo de matrícula simboliza a adesão ao Corpo de Cadetes e o início do 2º ano letivo. As disciplinas básicas são lecionadas em salas de aula, enquanto as do ensino profissional são ministradas nos "parques", edificações isoladas destinadas à instrução militar. A educação física é realizada diariamente. As atividades seguem uma rotina preestabelecida e planejada para o ano inteiro.

Já na AMAN, todos os cursos[4] compartilham do mesmo propósito: capacitar o Aspirante-a-Oficial para assumir os cargos de Tenente e Capitão não aperfeiçoado, graduar o bacharel em Ciências Militares e iniciar a formação do líder militar. Além disso, buscam desenvolver uma perspectiva sistêmica em relação à atuação do militar nos domínios político, social, jurídico, cultural, científico-tecnológico, humanístico,

educacional e ambiental dentro das organizações militares do Exército Brasileiro (BRASIL, 2014c, p. 2).

Portanto, como reforçado, os cursos têm dois objetivos principais: formar o Aspirante-a-Oficial, abrangendo a parte militar da formação, e graduar o bacharel em Ciências Militares, que compreende a vertente universitária da formação.

Com base nas pesquisas de Xavier (2017), as Ciências Militares foram oficialmente reconhecidas como disciplina a ser estudada no Brasil pela Câmara de Educação Superior, órgão do Conselho Nacional de Educação, vinculado ao Ministério da Educação. Esse reconhecimento foi estabelecido pelo Parecer nº 1.295, de 6 de novembro de 2001, que definiu diretrizes relacionadas à admissão de equivalência de estudos e à inclusão das Ciências Militares no currículo nacional. No referido parecer, o relator ressaltou a importância das ciências militares desenvolvidas nas três Forças Armadas e Forças Auxiliares, destacando sua relevância educacional.

[...] justifica sua inclusão no rol das ciências estudadas no Brasil, resguardando-se os aspectos bélicos, exclusivos das Forças Armadas. Quando convier aos interessados, o registro de diplomas expedidos pelo sistema militar poderá ser realizado por universidades que atendam às exigências do Parecer CNE/CES 771/2001. O aproveitamento de estudos nas diferentes ciências realizados no sistema militar ou no sistema civil poderá ser efetivado sempre que do interesse de ambos e respeitadas a legislação e normas específicas de cada sistema.

O propósito das Ciências Militares para o Exército Brasileiro reside em:

[...] formulação da Doutrina Militar Terrestre, o avanço do conhecimento em Defesa e a preparação de líderes militares, de pesquisadores, de planejadores e de gestores dos recursos colocados à disposição da Instituição para o cumprimento de sua missão constitucional, em tempo de paz e de guerra (BRASIL, 2010, p. 1).

Foi estipulado que as Ciências Militares deveriam abranger as seguintes áreas sensíveis e de grande importância para a transição do EB, da Era Industrial para Era do Conhecimento: Administração; Auditoria; Balística; Cibernética; Ciências Contábeis; Ciência e Tecnologia; Comunicação Social; Cultura; Defesa Nacional; Direito; Doutrina; Economia e Finanças; Educação; Educação Física; Engenharia e Construção; Estatística; Estratégia; Geopolítica; História Militar; Informática; Instrução

Militar; Inteligência; Gestão; Liderança; Logística; Meio Ambiente; Mobilização; Operações Militares; Política; Projetos; Prospectiva; Recursos Humanos; Relações Internacionais; Saúde; Simulação; e Sociologia (BRASIL, 2010, p. 1-2).

Conforme o currículo da AMAN, os cadetes estão programados para participar de aproximadamente 8200 horas de aulas, abrangendo tanto disciplinas acadêmicas quanto militares, com instruções teóricas e práticas no campo. No entanto, é importante considerar que outras atividades extracurriculares são realizadas, totalizando um tempo significativamente maior. Em algumas ocasiões, os cadetes assumem serviços que podem durar mais de 24 horas, gerando desgaste considerável e requerendo dedicação integral às responsabilidades atribuídas. Simultaneamente, é essencial que o cadete se prepare para as atividades diárias, muitas das quais já mencionadas e que se prolongam frequentemente. Vale ressaltar que a duração do curso na AMAN é superior a de outros cursos civis igualmente concorridos e prestigiados (ALMEIDA, 2019).

A tabela abaixo representa as principais disciplinas acadêmicas e militares dos quatros anos de curso na AMAN:716716

Tabela 4 - Disciplinas dos anos subsequentes do CFO/LEMB (AMAN)

ANOS SUBSEQUENTES DO CFO/LEMB (AMAN)			
2º ANO	3º ANO	4º ANO	5º ANO
Cálculo II	Estatística	Economia	Inteligência Militar
Direito I	Direito III	Direito Administrativo	Lutas
Física II	Mecânica	Ética Profissional Militar com Ênfase na Temática dos Direitos Humanos	Tiro
História Militar II	História Militar III	Geopolítica	Munições, Explosivos e Manutenção do Armamento
Introdução à Programação	Cibernética		Relatoria de Operações de Não Guerra
Língua Portuguesa II	Redação Estilística	Língua Espanhola IV	Língua Espanhola V
Língua Inglesa II	Língua Inglesa III	Língua Inglesa IV	Língua Inglesa V
Técnicas Militares III	-	Liderança Militar	Treinamento Físico Militar

Técnicas Militares IV	-	-	SIMEB (Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro)
Técnicas Militares V	-	-	-
Instrução Especial	Instrução Especiali	Instrução Especiali	Instrução Especial
Instrução Especial I	Instrução Especial II	Instrução Especial III	Instrução Especial IV
TFM I	TFM II	TFM III	TFM IV
Tiro I.1 (Fz) Tiro de Instrução de Fuzil	Tiro I.2 (Fz) Tiro de Instrução de Fuzil	Tiro I.3 (Fz) Tiro de Instrução de Fuzil	Tiro I.4 (Fz) Tiro de Instrução de Fuzil
Tiro II.1 (Pst) Tiro de Instrução de Pistola	TIRO II.2 (Pst) Tiro de Instrução de Pistola	TIRO II.3 (Pst) Tiro de Instrução de Pistola	TIRO II.4 (Pst) Tiro de Instrução de Pistola
SIESP - Estágio do Combatente de Montanha	SIESP - Vida na Selva e Técnicas Especiais	SIESP - Patrulhas de Longo Alcance com Características Especiais	SIESP - Operações Contra Forças Irregulares

-	ARTILHARIA	ARTILHARIA	ARTILHARIA
-	Emprego da Artilharia I	Emprego da Artilharia V	Emprego da Artilharia IX
-	Emprego da Artilharia II	Emprego da Artilharia VI	Emprego da Artilharia X
-	Emprego da Artilharia III	Emprego da Artilharia VII	Emprego da Artilharia XI
-	Emprego da Artilharia IV	Emprego da Artilharia VIII	-

-	INFANTARIA	INFANTARIA	INFANTARIA
-	Emprego da Infantaria I	Emprego da Infantaria V	Emprego da Infantaria IX
-	Emprego da Infantaria II	Emprego da Infantaria VI	Emprego da Infantaria X
-	Emprego da Infantaria III	Emprego da Infantaria VII	Emprego da Infantaria XI
-	Emprego da Infantaria IV	Emprego da Infantaria VIII	-

-	CAVALARIA	CAVALARIA	CAVALARIA
-	Emprego da Cavalaria I	Emprego da Cavalaria IV	Emprego da Cavalaria VIII
-	Emprego da Cavalaria II	Emprego da Cavalaria V	Emprego da Cavalaria IX
-	Emprego da Cavalaria III	Emprego da Cavalaria VI	Emprego da Cavalaria X
-	-	Emprego da Cavalaria VII	-
-	Equitação II	Equitação III	Equitação IV

-	COMUNICAÇÕES	COMUNICAÇÕES	COMUNICAÇÕES
-	Emprego das Comunicações I	Emprego das Comunicações IV	Emprego das Comunicações VII
-	Emprego das Comunicações II	Emprego das Comunicações V	Emprego das Comunicações VIII
-	Emprego as Comunicações III	Emprego das Comunicações VI	-
-	Cibernética III	Cibernética IV	Cibernética V

-	ENGENHARIA	ENGENHARIA	ENGENHARIA
-	Emprego da Engenharia I	Emprego da Engenharia V	Emprego da Engenharia IX
-	Emprego da Engenharia II	Emprego da Engenharia VI	Emprego da Engenharia X
-	Emprego da Engenharia III	Emprego da Engenharia VII	Emprego da Engenharia XI

-	Emprego da Engenharia IV	Emprego da Engenharia VIII	-
---	--------------------------	----------------------------	---

-	INTENDÊNCIA	INTENDÊNCIA	INTENDÊNCIA
-	Emprego do Serviço de Intendência I	Emprego do Serviço de Intendência V	Emprego do Serviço de Intendência IX
-	Emprego do Serviço de Intendência II	Emprego do Serviço de Intendência VI	Emprego do Serviço de Intendência XI
-	Emprego do Serviço de Intendência III	Emprego do Serviço de Intendência VII	-
-	Emprego do Serviço de Intendência IV	Emprego do Serviço de Intendência VIII	-

-	MATERIAL BÉLICO	MATERIAL BÉLICO	MATERIAL BÉLICO
-	Emprego do Quadro de Material Bélico I	Emprego do Quadro de Material Bélico V	Emprego do Quadro de Material Bélico IX
-	Emprego do Quadro de Material Bélico II	Emprego do Quadro de Material Bélico VI	Emprego do Quadro de Material Bélico X
-	Emprego do Quadro de Material Bélico III	Emprego do Quadro de Material Bélico VII	Emprego do Quadro de Material Bélico XI
-	Emprego do Quadro de Material Bélico IV	Emprego do Quadro de Material Bélico VIII	-

Fonte: PLADIS CFO/LEMB (AMAN, 2023)

Cabe destacar que nos 3^a, 4^a e 5^a anos do Curso, continuam existindo atividades escolares comuns às sete habilitações (Armas, Quadro e Serviço). Notadamente, daquelas disciplinas voltadas para o ensino acadêmico-profissional e para pesquisa. Além das disciplinas relacionadas acima, os cadetes ainda possuem em seu currículo atividades interdisciplinares, atividades de complementação de ensino (ACE) e atividades administrativas escolares que agregam na formação do perfil militar.

Nota-se que essa estrutura curricular orienta a formação dos oficiais combatentes, proporcionando-lhes desenvolvimento de capacidades distintas de atuação com a finalidade de formar um exército moderno e eficaz em sua atuação constitucional, tanto internamente como fora do país.

Nesse cenário, além do aprimoramento das competências por meio da integração de vários elementos (conhecimentos, atitudes, habilidades, valores e experiências) nas atividades escolares programadas, observa-se significativo desenvolvimento em outros momentos cotidianos dos cadetes durante o regime de internato. Especificamente, destaca-se o crescimento nas atitudes e valores, em virtude das constantes demandas estabelecidas pelo Regimento Interno da AMAN (VISCONTI, 2022).

2.2 O PAPEL DA PSICOLOGIA NA ESTRUTURA CURRICULAR DE FORMAÇÃO DO OFICIAL COMBATENTE

Durante o processo de análise da documentação curricular, mais especificamente ao examinar os PLANID com base no ano de 2023, verificou-se a ausência da disciplina de Psicologia. Com a lacuna dessa Cadeira, foi necessário buscar maiores informações sobre o motivo da ausência de tal disciplina no currículo vigente.

Para melhor entendimento, Cadeiras são, na realidade, as disciplinas acadêmico-profissionais que recebem coordenação direta da Divisão de Ensino, estando fora da responsabilidade do Corpo de Cadetes.

A Divisão de Ensino é o setor responsável pelo planejamento, controle e coordenação do ensino na AMAN. A sua missão é integrar as diversas disciplinas dos cursos da Academia Militar das Agulhas Negras, de forma a permitir o desenvolvimento progressivo e harmônico dos quatro anos de formação acadêmica do cadete (BRASIL, 2022).

Já o Corpo de Cadetes é o setor responsável pelas disciplinas técnico-profissionais, conduzindo o ensino de cunho especificamente militar. Trata-se do setor ao qual os Cadetes estão diretamente vinculados, sendo agrupados em Cursos que são identificados pelas 7 (sete) habilitações já mencionadas ou pelo Curso Básico, no qual estão inseridos os estudantes do 1º Ano.

As Cadeiras, são organizadas por Seções de Ensino:

a. Seções de Ensino:

- 1) Seção de Ensino A: composta pela Cadeira de Geopolítica, Cadeira de História Militar e Cadeira de Relações Internacionais;
- 2) Seção de Ensino B: composta pela Cadeira de Administração, Cadeira de Direito (disciplinas de Direito Administrativo, Direito Penal e Processual Penal Militar, Ética Profissional Militar e Introdução ao Estudo de Direito) e Cadeira de Economia (disciplinas de Microeconomia e Finanças Pessoais e Macroeconomia e Finanças Públicas);
- 3) Seção de Ensino C: composta pela Cadeira de Espanhol (disciplinas de Língua Espanhola II, III, IV e V) e Cadeira de Inglês (disciplinas de Língua Inglesa II, III, IV e V);
- 4) Seção de Ensino D: composta pela Cadeira de Estatística, Cadeira de Logística e Cadeira de Matemática (disciplina de Cálculo II);
- 5) Seção de Ensino E: composta pela Cadeira de Cibernética (disciplina de Cibernética II) e Cadeira de Introdução à Programação;
- 6) Seção de Ensino F: composta pela Cadeira de Física, Cadeira de Mecânica e Cadeira de Topografia;
- 7) Seção de Ensino G: composta pela Cadeira de Filosofia, **Cadeira de Psicologia** e Cadeira de Sociologia; e
- 8) Seção de Ensino H: composta pela Cadeira de Português (disciplina de Língua Portuguesa II) e Redação Estilística (BRASIL, 2021c, p. 2205, **grifo nosso**).

A Cadeira de Psicologia, como mencionado acima, pertence à Seção de Ensino G. Para elucidar o motivo desta Cadeira estar ausente no ano letivo de 2023, foi feita entrevista informal com o Coronel CAVOTTI, mestre em Psicologia e antigo professor da Cadeira de Psicologia da AMAN, onde atua desde 2011, e atualmente exerce a função de Chefe da Seção Psicopedagógica.

De acordo com Cavotti (2023), a disciplina de Psicologia nunca deixou de existir na AMAN. Contudo, em 2023, ela deixou de fazer parte da grade curricular do 2º ano da Academia para ser ministrada no 3º ano da AMAN[5]. Assim, no ano de 2023, a disciplina foi retirada da documentação de ensino, pois, caso contrário, os cadetes do 2º ano que tiveram essa disciplina no ano de 2022 a teriam novamente em 2023, no 3º ano. A partir da documentação de ensino de 2024, que ainda se encontrava em

elaboração no momento desta pesquisa, a Cadeira de Psicologia voltará a fazer parte do currículo regular da AMAN, sendo ministrada no 3º ano da Academia.

Cavotti complementa, ainda:

A Psicologia nunca deixou de existir na AMAN, não! Inclusive, a Cadeira de Psicologia é uma das mais importantes, sempre elencada entre as mais relevantes nas pesquisas realizadas com cadetes e com alunos da EsAO também.

Tendo em vista a gênese desta dissertação, destaca-se também as percepções de Cavotti de como a Cadeira de Psicologia se fundamenta na grade curricular da Academia Militar. Em sua experiência anterior como professor da Cadeira de Psicologia da AMAN, Cavotti (2023) explica que o currículo acadêmico da AMAN tem a finalidade de harmonizar a formação acadêmica e militar, em que atualizações são constantes e visam aprimorar a capacitação dos cadetes, alinhando-se às exigências contemporâneas. Nessa perspectiva, a Psicologia que investiga cientificamente o comportamento e processos mentais dos seres humanos, é de suma importância na construção da liderança militar.

A disciplina de Psicologia da AMAN se propõe a ampliar conhecimentos e habilidades que favoreçam o futuro comandante nas relações intrapessoais e interpessoais e lhe possibilite uma maior compreensão dos comportamentos humanos, além de o capacitar a empregar técnicas, comprovadas cientificamente, para melhorar sua gestão de pessoas em situações de guerra ou de paz, contribuindo para sua capacitação ao pleno exercício da liderança militar. Além disso, essa disciplina busca capacitar o futuro oficial a empregar instrumentos que possam colaborar com seu conhecimento dos fatores humanos, como, por exemplo, a possibilidade de verificar as características de personalidade, que predominam no subalterno, a partir de um inventário tipológico junguiano (RIBEIRO; CAVOTTI; OLIVEIRA, 2023).

Diante do inegável valor que a disciplina de Psicologia fomenta entre os aspirantes a oficiais e até mesmo nos egressos da AMAN, fica claro que seu currículo corrobora para que o oficial tenha uma base de conhecimento sobre o fator humano e que o auxiliará em seus cargos e suas funções durante toda carreira, em que precisará continuamente lidar com seus subordinados, pares e superiores hierárquicos.

Entretanto, em um movimento de revisão e análise da documentação currículo-pedagógica no itinerário formativo do oficial combatente, foi possível verificar que a Cadeira de Psicologia traz para o aluno um aspecto de formação sobre conceitos, mas não apresenta uma aplicabilidade didática, da melhor forma, uma capacitação para que este em sua formação, e seguindo ao longo de sua carreira, possa adquirir ferramentas psíquicas de uso pessoal em situações geradoras de estresse e trauma, inerentes ao seu ofício.

Apesar do aumento do emprego das Forças Armadas em situações extremas, como crises violentas, combate ao crime organizado e intervenções em desastres, ainda falta uma abordagem sistemática para compreender mais profundamente as capacidades e limitações dos militares nesses contextos e de como desenvolver abordagens atualizadas para a formação e treinamento do pessoal que é empregado nessas situações. O objetivo é melhorar a atuação desses profissionais, prevenir TEPT e reduzir as baixas psiquiátricas frequentemente observadas nesse público.

O ensino por competências, que viabiliza os estudos de caso e as situações problemas no ambiente militar necessita ainda de um direcionamento que vá além e possa dar um enfoque específico para que, diante dessas situações reais, o militar também encontre meios internos de ultrapassar questões que possam comprometer de forma pessoal sua atividade como respondedor.

Partindo da afirmação que consta no Art. 11. § 4º das IREC-EB60-IR-05.008, que cita que apenas conhecer algo não se configura em uma competência e somente a aplicação desse conhecimento pode ser considerada como tal, consolida-se a ideia de que apenas conhecer os conceitos básicos da Psicologia, como ciência, não é o bastante para que possa se desfrutar de suas ferramentas de ressignificação psíquica em momentos de estresse e/ou de crises. Dito de outra forma, para que se tenha competência adquirida em usar os recursos psicológicos a fim de evitar um desconforto oriundo de agentes estressores ou do próprio trauma, é necessário ter a habilidade de conhecer os recursos e saber aplicá-los em situações necessárias.

Podemos citar como exemplo, a Unidade Didática III: Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (DQBRN), disposta dentro da Disciplina de Técnicas Militares III, que os cadetes possuem no 2º ano letivo do CFO/LEMB.

Figura 4

UD III: Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (DQBRN)	Cg H: 04		OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM / EIXO TRANSVERSAL
ASSUNTOS	D	N	
Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (DQBRN)	04	-	- Identificar os agentes químicos pelo odor para reconhecê-los com eficiência (FACTUAL). - Operar o equipamento individual DQBRN em áreas contaminadas por agentes químicos para continuar no prosseguimento do combate (PROCEDIMENTAL). ET - EQUILÍBRIO EMOCIONAL, COMBATIVIDADE E AUTOCONFIANÇA

Fonte: PLADIS do Curso Básico -2º Ano CFO/LEMB/AMAN- 2023.

No transcurso dessa unidade didática, os cadetes passam pelo exercício prático de confiança do equipamento de proteção individual (EPI), que ocorre dentro da câmara de gás para simular condições desafiadoras. Nessa prática, a máscara contra gases é utilizada para proteger o organismo humano contra o ortoclorobenzalmalononitrilo, uma substância lacrimogênea que se apresenta na forma de cristais micropulverizados, mais conhecida como gás CS (EB70-CI-11.409, 2017).

Esse tipo de exercício é composto de quatro fases, como consta na tabela abaixo:

Tabela 5 - Fases do Exercício Prático de Confiança do Equipamento Individual (EPI)

FASE	ENTRADA	AÇÃO NO INTERIOR DA CÂMARA	SAÍDA	OBJETIVO
1º	MÁSCARA AJUSTADA	- breve permanência.	MÁSCARA AJUSTADA	- corrigir a ajustagem da máscara se for o caso (SFC); - verificar a eficiência da máscara; e - adquirir confiança no equipamento.

2º	MÁSCARA AJUSTADA	<ul style="list-style-type: none"> - breve permanência. - retirada da máscara. 	MÁSCARA NA MÃO	<ul style="list-style-type: none"> - ratificar a confiança no equipamento; e - constatar a presença do agente.
3º	MÁSCARA AJUSTADA	<ul style="list-style-type: none"> - troca de filtro. 	MÁSCARA AJUSTADA	<ul style="list-style-type: none"> - exercitar a troca de filtro da máscara
4º	MÁSCARA NA BOLSA	<ul style="list-style-type: none"> - colocação da máscara. - ajuste da máscara 	MÁSCARA AJUSTADA	<ul style="list-style-type: none"> - simular a exposição a um ataque químico; - praticar a ajustagem da máscara; e - praticar a limpeza da máscara.

Fonte: EB70-CI-11.409

Sendo um exercício de alta complexidade, composto por 4 fases distintas e que mais se aproxima de uma situação real, o emprego correto da técnica é fundamental para que a execução aconteça da forma esperada e sem grandes transtornos. Porém, como descrito na figura 4, um dos eixos transversais pertinentes a essa UD é o equilíbrio emocional. Especificamente nesta atividade, o desenvolvimento de equilíbrio emocional é indispensável para que os objetivos da instrução sejam plenamente alcançados, pois os participantes precisam manter a calma e tomar decisões precisas e técnicas mesmo diante de situações estressantes e potencialmente perigosas.

O treinamento DQBRN, de forma geral, visa a preparar os indivíduos para lidar com ameaças relacionadas a substâncias químicas, agentes biológicos, radiação e perigos nucleares. Durante o exercício na câmara de gás, os participantes são expostos a condições simuladas que reproduzem ambientes desafiadores, em que a resposta rápida e eficaz é essencial, e onde a falta de manejo psíquico pode atrapalhar

por completo a execução da técnica ou até mesmo ser o elemento que pode paralisar o indivíduo antes mesmo do início da atividade propriamente dita.

De acordo com Fullerton e Ursano (1990), alguns estudos demonstram que o funcionamento cognitivo e o desempenho militar podem ser comprometidos em situações que a utilização do EPI se faz necessária. Isso acontece pela extrema angústia física e emocional encontrada em alguns militares. Apoiando-se nesses estudos, de 10 a 20% dos militares participantes dos exercícios de treinamento de guerra química e biológica apresentaram sintomas psicossomáticos de moderado a grave, e de 4 a 20% demonstraram respostas psicológicas que afetam o desempenho e a segurança do exercício.

Resultados de estudos liderados por Carter e Cammermeyer (1985), apontam que cerca de 69% dos médicos militares que apoiam esses exercícios relatam que, em seus atendimentos, foram observados nos instruídos sintomas relacionados à ansiedade, claustrofobia e tremores, durante uma atividade com duas horas de duração.

Percepções de ameaça relacionadas à redução do fluxo de oxigênio e interpretações alarmantes de sensações físicas como, por exemplo, pensamentos intrusivos de “não consigo respirar” ou “não posso suportar isso” aumentam as reações de ansiedade (OORDT, 2009).

Por outro lado, visualizar como exemplo pares que toleram, em maior ou menor grau, o uso do EPI e utilizar ferramentas que possibilitem se distrair dos sintomas psicológicos podem ter efeito positivo sobre o exercício. Já a visualização de remoção da máscara diante do desconforto ou a “histeria de gás” podem condicionar a outras remoções posteriores daquele EPI, segundo Oordt (2009).

Confirmando essa percepção de Oordt, algumas prescrições descritas no caderno de instrução DQBRN (EB70-CI-11.409), sobre a realização do exercício prático de confiança do EPI, recomendam que:

6.2.5.3.1 Como o intuito do instrutor não é provocar pânico desnecessário aos instruídos, é fundamental que os instruídos que saem do local da instrução não tenham contato com os que aguardam.

6.2.5.3.2 Os instruídos que estão aguardando a entrada no local da instrução devem estar posicionados de forma que não possam visualizar a saída da câmara, para que não sejam influenciados negativamente, ao ver o estado de seus companheiros.

Significativos problemas de ansiedade relacionados à expectativa pelo exercício, pelo exercício em si e/ou pelo uso do EPI, quando não são minimizados adequadamente utilizando recursos de adaptabilidade psicológica, provavelmente fazem com que muitos alunos sejam dispensados ou de alguma forma evitem retornar a este tipo de atividade. Apenas o medo de sentir o medo já é fator substancial para o desligamento de uma atividade.

No entendimento do Coronel ANDERSON WALLACE, comandante do 1º Btl DQBRN, no biênio 2022/2023, entrevistado informalmente, a mística negativa que existe em torno do exercício prático de confiança no EPI gera um desgaste emocional desnecessário e que muitas vezes acaba por declinar o interesse do cadete em prosseguir na especialização em DQBRN, depois de formado. Isso ensejou, até mesmo, a mudança do nome desta instrução – denominada, no passado, simplesmente, como “câmara de gás”. Segundo o Coronel ANDERSON WALLACE, é importantíssimo que esse tipo de instrução seja muito bem ministrada e com alto grau de profissionalismo, de modo que essa prática não seja traumática e tampouco venha a repelir o interesse de militares pela atividade DQBRN.

Realmente, essa condição pode ter como consequências a falta de interesse pela atividade DQBRN e a redução do número de seus especialistas, o que não é desejável, tendo em vista que ameaças emergentes, grupos terroristas, acidentes industriais, desastres naturais, e avanços tecnológicos com possibilidades de manipulação de agentes químicos e biológicos representam uma dimensão crítica da segurança contemporânea ligada ao cenário de DQBRN. Sua relevância é inegável diante dos desafios globais e da necessidade contínua de proteger vidas, recursos e a segurança nacional.

A necessidade de atuação de tão distintas organizações em proveito de um mesmo objetivo retrata a natureza multidisciplinar e interdisciplinar da DQBRN. Constata-se, assim, que ela perpassa diversos campos do conhecimento, configurando uma temática transversal a diferentes áreas, o que justifica estar distribuída por diversos setores, ao mesmo tempo que também reforça a necessidade de ser conduzida de forma global (ANDERSON WALLACE, 2019).

Dialogando com essas questões, fica claro que a Unidade Didática citada neste capítulo é apenas um recorte da previsibilidade de quanto os eixos transversais, como o equilíbrio emocional, a autoconfiança, a abnegação, a resolução de problemas, a adaptabilidade, dentre outros, estão completamente ligados ao papel que a Psicologia necessita ocupar nesse itinerário formativo. Não apenas na UD que versa sobre a DQBRN, mas também em outras diversas unidades, é possível exemplificar essa relevância. Na Instrução Preparatória para o Tiro (IPT), por exemplo, o controle da respiração é fator atenuante para a prática perfeita. Cadetes, que não terão disponíveis recursos psicoemocionais que ajudam a controlar o desconforto provocado pela ansiedade, terão maior dificuldade para a execução precisa dessa tarefa ou, até mesmo, poderão trazer risco para a segurança dos demais.

Assim como as atividades citadas, inúmeras outras atividades previstas na formação do oficial combatente – natação, equitação, manuseio de artefatos explosivos etc – deveriam ser providas de uma capacitação psicológica, complementando a base teórica existente na disciplina de Psicologia.

A familiarização com as intervenções comportamentais – que podem beneficiar o militar enquanto aluno e, futuramente, como respondedor em situações adversas de combate e de liderança sobre sua tropa – pode servir de ferramenta para o aperfeiçoamento do processo de formação, que além de educar indivíduos a gerenciar sintomas desconfortáveis no desempenho de suas funções militares, poderão, também, mitigar a hesitação em admitir eventuais reações de ansiedade, sob o medo do impacto negativo sobre a carreira e o estigma pela busca da saúde mental. Esta proposta se daria como treinamento especializado dentro da Disciplina Psicologia, não se apresentando, de forma alguma, como terapia.

3. INFRAESTRUTURA DE APOIO PSICOLÓGICO AO MILITAR

O ambiente militar que frequentemente expõe os profissionais a condições extremas, desafios físicos e emocionais coloca-os diante de situações que demandam resiliência e adaptabilidade. O constante estado de alerta, as missões desafiadoras e a exposição a eventos traumáticos são elementos que contribuem para o estresse psicológico.

Diante desses desafios, torna-se imperativo compreender a necessidade de uma infraestrutura de apoio psicológico eficaz. Esse entendimento não apenas visa a mitigar o impacto do estresse e de traumas, mas também aprimorar a capacidade dos militares para enfrentar adversidades.

A abordagem moderna na gestão do bem-estar psicológico dos militares envolve a implementação de estruturas de apoio específicas, projetadas para compreender e atender as demandas únicas enfrentadas por esses profissionais. Este capítulo explora a intrincada infraestrutura de apoio psicológico ao militar do Exército, evidenciando sua importância na promoção da saúde mental e no desempenho eficaz das funções militares.

A Psicologia no âmbito militar, especialmente no tratamento de questões emocionais e de saúde mental, é datada do século passado, quando, nos EUA, era direcionada aos veteranos. Após a II GM, teve um desenvolvimento significativo (MC GUIRE, 1990- UHLANER, 1967). Durante e após aquele conflito, a necessidade de abordar as condições psicológicas dos veteranos levou à inclusão de psicólogos clínicos nas equipes de saúde. Para atender às necessidades emocionais desses veteranos, os psicólogos proveram terapia individual e de grupos nas instalações da *Veteran Administration (VA)* (CRANSTON, 1986). Esses esforços resultaram em uma aceitação crescente por psicólogos não apenas como pesquisadores e especialistas de estimativa, mas também como provedores de saúde mental (PHARES; TRULL, 1997).

Psicólogos de saúde clínica no meio militar, tem muito a contribuir para o gerenciamento de saúde, ou seja, o acompanhamento da saúde geral de uma população, provimento de prevenção privativa e serviços de intervenção, gerenciamento de doenças e avaliação de desfecho (PETERSON, 2003)

Tamanha é a demanda que existe pela busca da saúde mental nos dias atuais, que ela vem acompanhando as transformações do mundo VUCA^[6] nas práticas organizacionais contemporâneas. As incertezas, as discrepâncias e a necessidade constante de se readaptar têm sido grandes fatores de adoecimento psíquico para a população de uma forma geral. Para o oficial combatente do Exército Brasileiro, essa volatilidade transborda ainda mais, pois, além de sua condição humana como os demais, ele ainda experimenta a sua condição de militar, cujas exigências do *front* o absorvem em proporção maior.

Um dos exemplos mais recentes de profunda ambiguidade entre ação e busca de resiliência por parte dos militares foi a pandemia da COVID-19. Para grande parte desse grupo, estar na linha de frente como respondedor em prol do bem-estar da sociedade e, ao mesmo tempo, ter que equilibrar essa condição de adversidade com a exposição a que se colocava e aos seus entes queridos, foi algo extremamente exaustivo e, por muitas vezes, incapacitante.

A partir dessas inquietações, é necessário entender quais infraestruturas de apoio psíquico existem dentro da Força, categorizando-as a partir de sua forma de atuação e verificando se as mesmas são capazes de desenvolver as habilidades psíquicas necessárias aos militares, com o fim de obtenção de bons resultados de resistência aos efeitos de estresse, assim como melhor desempenho com estratégias cognitivas de enfrentamento de eventos traumáticos.

3.1 AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA FORMAÇÃO DO OFICIAL

Muitas instituições de ensino nas Forças Armadas incorporam avaliações psicológicas como parte integral do processo de seleção. Essas avaliações podem ser classificadas como de triagem, com o objetivo principal de identificar fatores psicológicos que possam influenciar o desempenho de maneira abrangente.

Além da avaliação da saúde mental, o enfoque geralmente inclui uma análise do funcionamento social, acadêmico e ocupacional. Isso abrange também a investigação de histórico de trauma, uso de substâncias, questões legais e condições médicas. O processo envolve a verificação de registros relevantes, uma entrevista clínica e a aplicação de medidas psicológicas conforme necessário.

No caso das unidades de operações especiais, são conduzidos processos seletivos mais abrangentes, visando selecionar candidatos que atendam a critérios específicos e excluir indivíduos com fatores de risco considerados inaceitáveis.

Para esses casos, a Força Terrestre dispõe do Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAEx), localizado na cidade do Rio de Janeiro.

O CPAEx é uma Instituição de Pesquisa, responsável pelo assessoramento acerca da avaliação, preparo, acompanhamento e desmobilização psicológica, e

realização de avaliações psicológicas nos diversos processos seletivos da Força Terrestre. Nas funções relacionadas à Avaliação Pedagógica, aplica testes nos candidatos aos Cursos de Formação e Graduação de Oficiais e Sargentos de Carreira, além do Estágio de Instrução e Adaptação para Capelães Militares (DECEX, 2023).

De acordo com a Portaria do Comandante do Exército nº 1.813, de 2015, a Avaliação Psicológica tem por finalidade “emitir um prognóstico de adaptação à carreira militar, aferindo o grau de compatibilidade das características intelectivas (cognitivas), motivacionais/emocionais e de personalidade do candidato com os perfis psicológicos exigidos para os cargos a serem ocupados, após o período de formação militar”.

Dentro do Plano Estratégico do Exército (PEEX), a missão do CPAEX se alinha por intermédio do cumprimento das seguintes missões:

1. estudar, planejar e apoiar a realização de avaliação psicológica nos candidatos às escolas de formação de oficiais e de sargentos de carreira do Exército;
2. conduzir a avaliação psicológica para seleção de candidatos a cursos e outras atividades desenvolvidas pela Força;
3. reunir profissionais, visando à assessoria aos diversos órgãos do Sistema de Educação e Cultura do Exército; e
4. desenvolver a Psicologia Militar, atuante principalmente na preparação dos combatentes para o cumprimento de missões operacionais de guerra e não guerra (DECEX, 2023).

Nesse cenário, o CPAEX se desenvolveu como uma instituição única, com uma característica peculiar de focar em pesquisa e avaliação no campo da Psicologia Organizacional. Sua missão central é realizar pesquisas científicas que apliquem os princípios e conhecimentos da Psicologia a contextos militares. O CPAEX dedica-se a compreender e melhorar os aspectos psicológicos relevantes para as operações e o desempenho organizacional no âmbito militar, contribuindo, assim, para o aprimoramento das práticas psicológicas aplicadas nas Forças Armadas.

3.2 SEÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

De acordo com Brasil (2019), esta é a Seção da Divisão de Ensino que deve orientar os docentes no planejamento pedagógico para a sistematização das atividades que visam a desenvolver e avaliar os conteúdos atitudinais (atitudes e valores).

Tendo como referência a seção Psicopedagógica da escola de formação dos oficiais combatentes, a AMAN, a pesquisa de Cavotti (2021) define que a seção Psicopedagógica da AMAN tem como função desenvolver conteúdos atitudinais essenciais para o desempenho funcional dos futuros oficiais do Exército Brasileiro. Isso envolve a criação de estratégias para lidar com as diversas atividades dos alunos, oferecendo suporte psicopedagógico ao Corpo Permanente e facilitando a interação entre os participantes no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com o Regimento Interno da AMAN, a seção Psicopedagógica daquele estabelecimento tem como objetivos principais: a orientação vocacional, o acompanhamento terapêutico e o aconselhamento pedagógico durante o curso de formação.

A Seção Psicopedagógica assessora o Chefe da Divisão de Ensino nos assuntos pertinentes ao desenvolvimento dos conteúdos atitudinais e suas atribuições, além das previstas nas Normas de Avaliação Educacional, incluem:

- I - integrar os diversos segmentos da organização da AMAN, que concorrem para o desenvolvimento psicopedagógico do cadete;
- II - acompanhar os cadetes com avaliação regular e insuficiente nos testes de aptidão, de interesse, de personalidade ou sociométricos, utilizados para apoiar o desenvolvimento educacional e, em especial, aqueles com baixo rendimento escolar;
- III - acompanhar eficientemente os cadetes, de forma a auxiliá-los na compreensão de suas possibilidades e limitações;
- IV - entrevistar os cadetes que solicitarem desligamento, emitindo parecer sobre os motivos e consequências da decisão tomada; e
- V - participar de projetos e pesquisas ligados à área atitudinal do processo educacional.

Na AMAN, o psicólogo, exercendo a função escolar, oferece assessoramento técnico-científico, proporcionando orientação aos cadetes e visando a solucionar

eventuais situações que possam desestabilizar o processo de ensino/aprendizagem dos alunos.

Em alguns casos, o profissional da área da Psicologia, diante das demandas de atendimento apresentadas pelos cadetes, precisa atuar em um nível clínico. Em situações mais críticas, podem ser necessárias intervenções psicoterápicas. Durante muitos desses atendimentos, destaca-se, de maneira significativa, a ênfase na adaptação do cadete à profissão militar (LIMA, 2018).

3.3 SISTEMA DE SAÚDE DO EXÉRCITO

O Serviço de Psicologia nas unidades ambulatoriais e hospitalares do EB tem como missão prestar assistência psicológica a toda a Família Militar, por meio de atendimentos clínicos destinados aos pacientes internados nas enfermarias, àqueles que são encaminhados ao serviço ou àqueles que buscam atendimento por solicitação própria, visando a promover o cuidado em saúde mental, a adesão e a humanização do tratamento e fornecendo amparo psicossocial.

Em algumas unidades distribuídas por todo território nacional, o Serviço de Psicologia também coordena grupos terapêuticos, realizando avaliações psicológicas para procedimentos cirúrgicos, além de comporem a equipe da Residência.

Com uma atuação interdisciplinar para com outros profissionais do corpo clínico do hospital, a Psicologia atua com uma abordagem integral à saúde. Oferece suporte à uma adesão mais efetiva ao tratamento estipulado e facilita os processos de recuperação quando são necessários por decisão da equipe.

Dentre as demais atividades realizadas pelo Serviço de Psicologia, incluem-se: triagem, terapia psicológica, autorizações, avaliação e tratamento de militares e seus familiares, atendimento psicológico em ambiente hospitalar, avaliação psicológica de pacientes candidatos à cirurgia bariátrica, execução de perícias, iniciativas de promoção da saúde com palestras sobre saúde mental do Programa de Valorização à Vida, Campanha Janeiro Branco, Programa de Prevenção ao Uso de Álcool e outras drogas, entre outras ações.

Esses programas de prevenção vêm sendo cada vez mais explorados pelas equipes interdisciplinares nos hospitais do EB e são de grande contribuição para o

alerta das consequências oriundas do estresse, da depressão e de demais transtornos, que podem levar os militares ao abuso de álcool, droga e, em última instância, ao suicídio. A participação na campanha "Janeiro Branco", por exemplo, representa um significativo avanço do Exército na conscientização de seu público interno sobre a importância da reflexão acerca da saúde mental. Além disso, a iniciativa promove a discussão sobre a necessidade de fortalecer a prática da liderança militar, oferecendo apoio àqueles que enfrentam desafios de adaptação e convívio, sem comprometer os padrões de desempenho individual e coletivo exigidos pela Força (PINA, 2021).

Em pesquisas envolvendo veteranos do Vietnã que sofriam de TEPT, quando comparados a outros sem esses sintomas, os primeiros apresentaram uma probabilidade significativamente maior de falecer por suicídio (BULLMAN; KANG, 1994; FABEROW; KANG; BULLMAN, 1990).

O suicídio, que constitui cerca de 12% de todas as mortes, figura ao lado de acidentes com veículos e de doenças cardiovasculares como uma das três causas principais de mortes não relacionadas ao combate nas Forças Armadas norte-americanas (SHAFFER, 1997). Dada a influência significativa do suicídio nas famílias e no moral da tropa, a prevenção da perda de vidas e do sofrimento tem sido uma preocupação central no aconselhamento de capelães e no tratamento médico. O Departamento de Defesa dos EUA (DoD) conduziu um estudo abordando políticas e programas de prevenção ao suicídio nas Forças Armadas (SHAFFER, 1997). No final dos anos 90, a Marinha, o Exército e os Fuzileiros Navais buscaram a colaboração de especialistas civis e militares para revitalizar os programas de prevenção ao suicídio, respeitando as distintas culturas organizacionais e missões daquelas Forças (ARMY CHIEF OF PUBLIC AFFAIRS, 2000). A nível nacional, a prevenção do suicídio emergiu como uma prioridade de saúde pública nos EUA (U.S. PUBLIC HEALTH SERVICE, 1999).

Focar sobre fatores de risco que não são comuns em indivíduos não suicidas teria um forte efeito sobre a incidência de suicídio, como também o teria reduzir fatores de risco presentes em uma grande proporção de suicídios (JONES, KENNEDY, HOURANI, 2009).

Como fecho deste capítulo, refletindo sobre as três ferramentas de atendimento voltadas às demandas psicológicas que foram apresentadas, ainda permanece uma lacuna no que diz respeito ao adestramento e desenvolvimento de recursos psíquicos

para resiliência e manutenção do *hardness* em situações extremas e desafiadoras da profissão militar, como foi apresentado no subcapítulo 2.2.

No CPAEx, o aspecto principal é avaliar e fundamentar se o aluno ou militar se encontra apto ou inapto a exercer determinada função dentro da Força. Investiga se suas condições psíquicas, avaliadas por Psicólogos e utilizando técnicas e/ou testes psicométricos, estão em condições favoráveis para que ele dê prosseguimento à carreira.

Nas Seções Psicopedagógicas que seguem atuantes nas escolas de formação e demais estabelecimentos de ensino, identifica-se que o principal objetivo é a orientação psicopedagógica ao aluno no que tange aos assuntos relacionados aos problemas que podem afetar as situações de aprendizagem. Em determinadas situações, para casos específicos de cunho psicológico que possam ser observados pelos psicopedagogos, o aluno tem a possibilidade de ser encaminhado para acompanhamento por profissional da psicologia, a fim de obter atendimento psicoterápico.

Por fim, os hospitais militares, em suas demandas psicológicas, tratam do problema já instalado. Os indivíduos que necessitam deste serviço, de alguma forma, já estão passando por situações que demandam a recuperação da estabilidade emocional diante de algo que já aconteceu. As campanhas temáticas, de prevenção ao suicídio ou à drogadição, buscam informar a este público específico que eles podem e devem contar com o apoio de profissionais especializados, caso se sintam vulneráveis às manifestações psicológicas negativas e que de certa forma representem alto grau de periculosidade a sua própria vida ou aos seus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação discutiu o papel ocupado pela Psicologia no itinerário formativo do oficial combatente do Exército Brasileiro.

Teve como objetivos gerais identificar o lugar ocupado pela Psicologia na formação desses profissionais e identificar os espaços para aperfeiçoamento do conteúdo dos currículos das escolas de formação.

Como objetivos específicos, procurou contextualizar o estresse e o trauma no cotidiano militar; revisar a estrutura curricular das escolas de formação – EsPCEx e

AMAN –; e, ainda, compreender o funcionamento da infraestrutura de apoio psicológico ao militar.

Sob o foco da análise estiveram a disciplina de Psicologia na formação do cadete e a infraestrutura de apoio psicológico existente no Exército. Argumentou-se que os oficiais combatentes possuem uma rede de apoio para cuidar deles, porém, a partir do momento em que o trauma já está instalado. Diferentemente disso, seria interessante propiciar a esses profissionais condições para ressignificar experiências potencialmente traumáticas, no sentido de evitar que elas se tornem efetivamente traumas. Dito de outra forma, ao oficial é facultada uma rede de apoio psicológico para o momento em que o trauma se estabelece, mas não são dados a esse combatente, pelo menos em sua formação inicial, os subsídios para lidar com a natureza estressante da formação que ele terá e muito menos para as situações que enfrentará ao longo da carreira.

Entende-se que o conteúdo abordado pela disciplina de Psicologia não é direcionado em como lidar com o estresse ou como superar situações de estresse, não há capacitação para este fim.

Caberia, como continuidade deste trabalho, uma reflexão sobre os currículos formativos da EsAO e da ECEME, mais especificamente nos cursos de CCEM e CPEAEx, para que se pudesse, por exemplo, analisar se a capacitação psicológica do oficial ocorre nas escolas que irão formar comandantes e oficiais do Estado-Maior. Ou seja, cabe perguntar se, ao analisar os currículos dessas escolas – arrematando o itinerário formativo do oficial combatente do Exército Brasileiro – a capacitação em psicologia é dada apenas para os oficiais que assumirão posições de comando e posições mais elevadas na hierarquia militar.

Ainda como recomendação, esta dissertação sugere criar e incluir aprimoramentos da disciplina Psicologia na grade curricular dos cursos de formação e capacitação. Na verdade, a disciplina em si já existe, mas como conhecimento teórico, como estudo da ciência em si e não para conhecimento de técnicas e habilidades a serem desenvolvidas como capacitação pessoal. Seria, então, uma nova versão da disciplina e com uma abordagem diferente, como consta na tabela abaixo.

Tabela 6 - Proposta de inclusão da Disciplina Psicologia no desenvolvimento de habilidades para lidar com agentes estressores

DISCIPLINA PSICOLOGIA NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES PARA LIDAR COM AGENTES ESTRESSORES	
Contextualização do estresse	Explorar as diferentes fontes de estresse enfrentadas no cotidiano.
	Analisar como o estresse impacta o corpo e a mente, e como isso pode afetar o desempenho no trabalho e a qualidade de vida.
Processamento do Estresse no Corpo	Investigar as respostas fisiológicas ao estresse, como hormônios do estresse, efeitos sobre o sistema nervoso autônomo, entre outros.
	Reconhecer possíveis sintomas psicossomáticos no corpo.
	Compreender como o estresse crônico pode contribuir para problemas de saúde mental e física.
Ferramentas de Gerenciamento de Estresse	Introduzir técnicas práticas e eficazes para gerenciar o estresse no ambiente de trabalho.
	Incluir estratégias de <i>mindfulness</i> , técnicas de respiração, exercícios físicos e outras abordagens para promover o bem-estar.
Experiência Traumática	Abordar experiências traumáticas passíveis de enfrentamento e como esses eventos impactam a saúde mental.
	Aplicar técnicas de dessensibilização relacionadas a experiências traumáticas.
	Discutir estratégias para lidar com traumas e prevenir o desenvolvimento de transtornos relacionados ao estresse pós-traumático (TEPT).
Consequências para a Saúde do Profissional	Explorar os efeitos a longo prazo do trabalho de emergência na saúde mental e física dos militares.
	Discutir a importância da prevenção e do acesso a serviços de saúde mental.
Humanização do Atendimento	Enfatizar a importância da empatia e do cuidado emocional nas situações em que o militar poderá atuar como respondedor.
	Desenvolver habilidades de comunicação e compreensão para lidar com situações desafiadoras.
Integração da Psicologia na Instituição	Abordar estratégias para integrar a psicologia de maneira efetiva na cultura organizacional do oficial combatente do Exército Brasileiro.
	Promover a aceitação e participação ativa dos profissionais no cuidado da saúde mental.

FONTE: A AUTORA

Nesta nova versão proposta para ensinar o aluno a pôr em prática competências aprendidas, verificam-se como principais objetivos o conhecimento e prática de habilidades psicológicas para lidar com agentes estressores. Que ela possa

proporcionar entendimento aos militares para que se visualizem em sua profissão, com ênfase na importância da compreensão sobre os benefícios dessa disciplina em como cuidar da saúde mental, identificando sinais de estresse, sejam eles físicos ou emocionais. Essa é uma abordagem crucial, pois militares frequentemente enfrentam desafios únicos em seu trabalho, incluindo situações de alta pressão e estresse, mas que por muitas vezes são negligenciados em seus sintomas.

A disciplina de Psicologia com esse foco de treinamento, capacitação ou mesmo adestramento de habilidades psicológicas, poderá promover a conscientização sobre saúde mental de forma mais incisiva e fornecer recursos para lidar com o estresse, o que é fundamental em qualquer profissão, mas especialmente na área militar, onde as demandas físicas e emocionais podem ser extremas.

Reconhecer a necessidade de educar os militares sobre a importância do autocuidado e da busca de ajuda quando necessário, não só beneficiaria os indivíduos envolvidos, mas também contribuiria para a eficácia geral das operações, garantindo que as equipes estejam em condições físicas e mentais adequadas para enfrentar os desafios que possam surgir.

Estando mais propensos a desenvolver estresse no trabalho, essa nova abordagem da Psicologia poderá ser trabalhada abordando dois enfoques: (1) atividades operacionais e como esse conhecimento pode ser utilizado nas atividades de chefia e liderança; e (2) cuidado com a sua própria saúde mental do profissional militar, com caráter preventivo.

A ideia de propor uma nova versão dessa disciplina, com enfoque na Psicologia voltada aos aspectos inerentes ao estresse e trauma para oficiais combatentes, é extremamente relevante. Essa abordagem pode trazer inúmeros benefícios para os militares em sua formação e ao longo de toda carreira, construindo um ambiente socioemocional saudável e resiliente.

A capacidade de lidar eficientemente com eventos traumatizantes é uma das marcas típicas do treinamento bem dirigido. Além de constituir um desenvolvimento inicial de habilidades, com treinamento avançado e prático, preparação e ajuste cognitivo e emocional, a fim de preparar profissionais para lidar com a realidade do trauma, obtendo capacidade de resposta adequada para eventos reais.

O adestramento é a base para um procedimento saudável e bem-sucedido, e para obtenção de bons resultados de resistência aumentada aos efeitos de estresse potencialmente traumático, assim como melhor desempenho quando estratégias

cognitivas de enfrentamento temporariamente falham ou se tornam ineficazes (GROSSMAN, 2007).

No âmbito do Processo de Transformação do Exército, este trabalho fornece subsídios para a contínua melhoria na formação dos recursos humanos da Força, especialmente na formação dos Oficiais de Carreira da Linha de Ensino Militar Bélico do Exército. Além disso, quando aplicável, os *insights* apresentados poderão ser estendidos aos demais estabelecimentos de Ensino e Centros de Instrução.

Por fim, compreende-se que os resultados alcançados por esta pesquisa têm potencial para contribuir com o fortalecimento da Dimensão Humana da Força Terrestre, elevando seu nível de operacionalidade e potencializando sua capacidade de combate, a partir de seu ativo mais valioso: o pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADLER, A. B., WRIGHT, K. M., HUFFMAN, A. H., THOMAS, J. L., & CASTRO, C. A. (2002). **Deployment cycle effects on the psychological screening of soldiers. US Army Medical Department Journal**, 4(5), 6.

AFONSO, J. M. P., & GOMES, A. R.. (2009). **Stress ocupacional em profissionais de segurança pública: um estudo com militares da Guarda Nacional Republicana. Psicologia: Reflexão E Crítica**, 22(2), 294–303.

ALMEIDA, R. H. A. **A influência do estresse imposto ao cadete no desenvolvimento de atributos inerentes ao oficial combatente do Exército Brasileiro**. 2019

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, DSM-5 Task Force. (2013). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5™ (5th ed.)**. American Psychiatric Publishing, Inc..

ARMY CHIEF OF PUBLIC AFFAIRS. (2000). **Suicides in the military: A time for prevention**. Washington, DC: U.S. Department of Defense.

ASMUNDSON, G.J.G.;STEIN,M.B.;MCCREARY,D.R. (2002). **Posttraumatic stress disorder symptoms influence health status of deployed peacekeepers and nondeployed military personnel. Jurnal of nervous and Mental Disease**, 190, 807-815

BAMBERG, W. B. **Estratégias de coping: avaliação das situações indutoras de estresse na AMAN perante os recursos pessoais dos cadetes do curso de Comunicações e sua influência na formação de grupos**. Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2019.

BARBOSA, A. C. R. **O ensino por competências e a formação docente para o ensino militar: contribuições para a educação socio comunitária**. 2012.

BELLO D. S. V. (2020). **A Importância das Sessões de Natação na AMAN no Desenvolvimento dos Atributos da Área Afetiva Inerente ao Oficial Combatente do Exército Brasileiro**. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, Curso de Ciências Militares.

BERLIMA, M.T.; PERIZZOLOB, J.; FLECKC, M. P. **Transtorno de estresse pós-traumático e depressão maior**. Rev Bras Psiquiatr, v. 25, n. Supl I, p. 51-4, 2003.

BRASIL. Ministério da Defesa .Exército Brasileiro. **Estatuto dos militares. (1998)**. Educação e formação militar. Regulamento da AMAN.1980

BRASIL. Ministério do Exército. **Departamento de Ensino e Pesquisa. Portaria nº 12**, de maio de 1998. Rio de Janeiro, RJ, 1998.

BRASIL. Presidência da República. Ministério do Exército. **Lei de Ensino do Exército** (Decreto nº 9.786). Brasília, DF, 1999.

BRASIL. Ministério do Exército. Departamento de Ensino e Pesquisa. **Normas para Elaboração do Conceito Escolar**. Rio de Janeiro, RJ, 2000.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Educação e Cultura do Exército. Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. **Normas Internas para Avaliação Educacional**. Rio de Janeiro, RJ, 2005

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Educação e Cultura do Exército. Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. **Normas Internas para Avaliação Educacional**. Rio de Janeiro, RJ, 2005

BRASIL. Ministério da Defesa. Portaria nº 196/EMD/MD, de 22 de fevereiro de 2007. **Glossário das Forças Armadas** – MD35-G-01, 4ª Edição. Brasília, DF, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05 de outubro de 1988. 40 ed. São Paulo: Saraiva 2007.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Ensino e Pesquisa. Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Divisão de Ensino. **Ordem de Instrução nº 011: Programa Liderança Militar**. Rio de Janeiro, 2009.

BRASIL. Ministério da Defesa Decreto nº 6.703. Estratégia Nacional de Defesa. Brasília, DF, 2008. BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Processo de Transformação do Exército. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria nº 137, de 28 de fevereiro de 2012. **Diretriz para o Projeto de Implantação do Ensino por Competências no Exército Brasileiro**. Brasília, DF, 2012a.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Manual do Instrutor e do Professor no âmbito do 65 Departamento de Educação e Cultura do Exército**, edição experimental. Rio de Janeiro, RJ, 2013.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Departamento de Educação e Cultura do Exército**. Instruções Reguladoras do Ensino por Competências: Currículo e Avaliação (IREC - EB60-IR-05.008). 1ª edição. 2013.

BRASIL. Ministério da Defesa. Portaria nº 012. **Manual de Fundamentos EB 20- MF-10.101** O Exército Brasileiro. Brasília, 2014

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria nº 012 – EME, de 29 de janeiro de 2014. **Manual de Fundamentos EB20-MF-10.101**, o Exército Brasileiro, 1ª Edição. Brasília, DF, 2014a.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Departamento de Educação e Cultura do Exército**. Instruções Reguladoras do Ensino por Competências no EB (EB 60-IR-05.008), 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ, 2014b.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria nº 012 – EME, de 29 de janeiro de 2014. **Manual de Fundamentos EB20-MF-10.101**, o Exército Brasileiro, 1ª Edição. Brasília, DF, 2014c.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria nº 1200, de 26 de setembro de 2016. **Regulamento da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (EB10-R-05.002)** Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Ministério da Defesa Exército. **EB70-MC-10.223**: Operações. 5. ed. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Defesa Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Caderno de Instrução de Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear**. 1ª edição. 2017. **합나다**

BRASIL. ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. NIDACA (AMAN) – **Normas Internas para Desenvolvimento e Avaliação dos Conteúdos Atitudinais**. Brasília: Exército Brasileiro: 2017.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Normas Gerais de Ensino (NGE) da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (EB 60-N-11.002)**, 2ª edição - 2018. Rio de Janeiro, RJ, 2018a.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Educação e Cultura do Exército. Portaria nº 001, de 8 de janeiro de 2018 **Normas para Desenvolvimento e Avaliação dos Conteúdos Atitudinais (NIDACA - EB60-N05.013)**, 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ, 2018b.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Educação e Cultura do Exército. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **Normas Internas para Desenvolvimento e Avaliação dos Conteúdos Atitudinais (NIDACA - EB60-N-11.004)**, 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ, 2018c.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Centro de Psicologia Aplicada do Exército "Centro General Rosalvo Eduardo Jansen". **Plano de Gestão do Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAEx)**, 2020-2023. Rio de Janeiro, RJ.

BRASIL. ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. **Boletim Interno Nº 155/2021**. Resende-RJ: 2021c.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Instruções Reguladoras do Ensino por Competências (IREC-EB60-IR-05.008)**. 4ª edição. 2022.

BRASIL. ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. Divisão de Ensino. **Quadro Geral de Atividades Escolares**. Resende: Acadêmica, 2022.

BRASIL. ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. Curso de Formação e Graduação de Oficiais de Carreira da Linha de Ensino Militar Bélico. **Plano de Disciplina: PLADIS Básico CFO/LEMB** Aprovado pelo BI/DESMil. 2023

BRASIL. ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. Curso de Formação e Graduação de Oficiais de Carreira da Linha de Ensino Militar Bélico. **Plano de Disciplina: PLADIS 2º Ano CFO/LEMB** Aprovado pelo BI/DESMil. 2023

BRASIL. ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. Curso de Formação de Oficiais Combatentes da Linha de Ensino Militar Bélico. **Plano de Disciplina: PLADIS 3º Ano CFO/LEMB**. Aprovado pelo BI/DESMil. 2023

BRASIL. ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. Curso de Formação de Oficiais Combatentes da Linha de Ensino Militar Bélico. **Plano de Disciplina: PLADIS. 4º Ano CFO/LEMB**. Aprovado pelo BI/DESMil . 2023

BRASIL. ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. Curso de Formação de Oficiais Combatentes da Linha de Ensino Militar Bélico. **Plano de Disciplina: PLADIS. 5º Ano CFO/LEMB**. Aprovado pelo BI/DESMil. 2023

BRAY, R. M., HOURANI, L. L., RAE, K. L., DEVER, J., & BROWN, A. (2003). **Department of defense survey of health-related behaviors among military personnel**. Research Triangle Park, NC.: Research Triangle Institute.

BULLMAN, T. A.; KANG, H. K. (1994). **Mortality from suicide among Vietnam veterans: A review**. In: A.G. Kegler, S.M. Stone (Eds.), *Veterans and Agent Orange: Health effects of herbicides used in Vietnam*. Washington, DC: National Academy Press.

CAMPISE, R. L., GELLER, S. K., & CAMPISE, M. E. (2006). **Combat Stress**. In C. H. Kennedy & E. A. Zillmer (Eds.), *Military psychology: Clinical and operational applications* (pp. 215–240). The Guilford Press.

CANADIAN ARMY LESSONS LEARNED CENTRE. (2004, February). **Stress injury and operational deployments**. Dispatches: Lessons Learned for soldiers, 10, 1-39

CANAVAL, F. & HERZOG, R. (2011). **Between psychoanalysis and psychiatry: the medicalization of trauma in contemporaneity**. *Tempo psicanalítico*, 43(1), 111-129

CARTER, BJ E CAMMERMEYER, M. (1985). **Emergência de vítimas reais durante treinamento simulado de guerra química sob condições de alto calor**. *Medicina Militar*, 150(12), 657–665.

CASTIEL, L. D. (1994). **O stress na pesquisa biomédica e epidemiológica: as limitações do modelo de risco no estudo do processo saúde-doença**. in: . *O buraco e o avestruz; a singularidade do adoecer humano*. Campinas: papirus, p. 127-69

CASTRO, C. (2004.). **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

CAVOTTI, M. M. ; AMORIM, M. S. . **O Ensino Orientado por Competências: Demandas e Desafios**. REVISTA DO DOCENTE MILITAR , v. 1, p. 27-35, 2017.

CAVOTTI, M. M. **Educação Superior Militar & Tipologia Psicológica Junguiana: Um estudo sobre a escolha da especialização com cadetes do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro, RJ: UFRRJ, 2021

RIBEIRO, R. DE Q. B.; CAVOTTI, M. M.; OLIVEIRA, J. F. A. DE. **Inventário de Tipologia Psicológica Junguiana: viabilidade de uso na Seleção Complementar do Exército Brasileiro**. Revista Agulhas Negras, v. 7, n. 9, p. 1-20, 23 maio 2023.

CELESTINO, S. **Dimensão Humana no Exército Brasileiro: Afinal do que se trata?** Apresentado no ENABED (Encontro Nacional de Estudos em Bases Educacionais da Defesa), 2018.

CHIAVENATO, I. **Estresse, conflito e negociação**. In: CHIAVENATO, Idalberto. 2014

CONTI, PAUL. (2022). **Trauma: a epidemia invisível. Como lidar com as feridas emocionais que marcam a nossa vida e avançar em direção à cura**. Editora Sextante.

COSTA, Bruno Ferreira. **Estresse militar: causas e consequências no desempenho dos cadetes durante a formação dos oficiais combatentes**. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2019.

CRANSTON, J. W. (1986). **Psychological services in VA medical centers**. Professional Psychology: Research and Practice, 17(3), 167-171.

CRISIS. EM J. E. DIMSDALE & A. BAUM (Orgs.), **Quality of life in behavioral medicine research** (pp.3-30). Hilldsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.

CUNHA, M. S. R. DA.; ALMEIDA, C. (1992). **O conceito de "stress"; uma reflexão crítica**. Trabalho apresentado no VIII congresso brasileiro de medicina psicossomática, São Paulo

CYRULNIK, Boris. **Autobiografia de um espantalho**. São Paulo: Martins Fonte;2099

CYRULNIK, Boris. **O Murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fonte; 2005.

DANTAS, J. B.; SILVA, Â. M. M. **Simulação de estresse de combate: proposta metodológica e resultados preliminares In Humanis coletânea**. Rio de Janeiro: Ed. do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias, p.11-52, 2013.2014

DE BEER, M.; VAN HEERDEN, A. **Exploring the role of motivational and coping resources in a Special Forces selection process**. SA Journal of Industrial Psychology, v. 40, p. 1–13, 2014.

DESMIL (Brasil). Academia Militar das Agulhas Negras. **A AMAN: Corpo de Cadetes**. Resende: AMAN, 2017. Disponível em < <https://www.aman.eb.mil.br/corpo-de-cadetes> >. acessos em 04 dez. 2023.

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (ECEME). **Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEx)**. 2019 Disponível em < <http://www.eb.mil.br> >. Acesso em 04 dez. 2023.

ESTRATÉGIA MILITAR. **Patentes do Exército**. Disponível em < <https://militares.estrategia.com/portal/mundo-militar/forcas-armadas/patentes-do-exercito/> >. Acesso em 04 dez. 2023.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Plano de Disciplina do 1º Ano do Curso de Formação e Graduação de Oficiais de Carreira da Linha de Ensino Militar Bélico (CFO/LEMB).

FABEROW, N. L.; KANG, H. K.; BULLMAN, T. A. (1990). **The Vietnam experience study**. *Journal of Nervous and Mental Disease*, v. 178, n. 1, p. 32-37.

FARIAS, F. B. De. **O desenvolvimento da Liderança Militar no Exército: oportunidades para o desenvolvimento da Liderança Militar na EsAO/**. 2009

FIGUEIREDO, A. V. O. DE. (2021). **O impacto do estresse durante a formação do futuro oficial combatente**. Dissertação (Curso de Ciências Militares), Academia Militar das Agulhas Negras, Resende.

FILGUEIRAS, J.C.; HIPPERT, M.I.S. **A polêmica em torno do conceito de estresse**. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 19, n. 3, p. 40-51, 1999.

FREUD, S. - **Totem e Tabu (1913)**, In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol XII, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976.

_____ **Além do princípio do prazer** (1920), idem, Vol XVIII.

_____ **Psicanálise**. (1926/1989) v.20. In: ESB. Rio de Janeiro: Imago, 2ª Ed.

_____ **A questão da análise leiga**. (1926/1989) v.20. In: ESB. Rio de Janeiro: Imago, 2ª Ed.

_____ **Mal-estar na civilização** (1930), idem, Vol XXI.

_____ **Por que a guerra?** (1933), idem, Vol XXII.

FULLERTON, CS E URSANO, RJ (1990). **Respostas comportamentais e psicológicas à guerra química e biológica**. *Medicina Militar*, 155 (2), 54–59.

GIARETTA, A. G. **Cadetes da engenharia do quarto ano de formação da AMAN: indícios de presença da Síndrome de Burnout**. Resende: AMAN, 2016.

JACKSON, S.; AGIUS, R.; BRIDGER, R.; RICHARDS, P. **Occupational stress and the outcome of basic military training**. *Occupational Medicine*, v. 61, p. 253–258, 2011.

JANOWITZ, M., 1964. **The Military in the Political Development of New Nations**. Chicago e Londres, The University of Chicago Press.

JAQUES, A. A. B. **As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie**. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 10-24, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912012000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 dez. 2023.

JESUS, B.M.; SILVA, S.R.; CARREIRO, D.L.; COUTINHO, L.T.M.; SANTOS, C.A.; MARTINS, A.M.E.B.L.; COUTINHO, W.L.M. **Relação entre síndrome de burnout e condições de saúde entre militares do exército**. *Tempus Actas De Saúde Coletiva*, v. 10, n.2, p. 11-28, 2016.

JONES, D.E.; HAWKES, C.; GELLES, M.; HOURANI, L.; KENNEDY, K. R. (1999). **Department of the Navy Suicide Incident Report (NAVMC 11410)**. Washington, DC:U.S. Department of the Navy.

KAPLAN, R. M. (1995). **Quality of life, resource allocation and the U.S. health care**.

KELLMANN, M. **Preventing overtraining in athletes in high-intensity sports and stress/recovery monitoring**. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, v. 20, p. 95–102, 2010.

KENNEDY, C. H., & ZILLMER, E. A. (2009). **Psicologia Militar**. (ISBN: 978-85-7011-435-8). Editora: Biblioteca do Exército Editora.

KESSLER RC, SONNEGA A, BROMET E, HUGHES M, NELSON CB. **Posttraumatic stress disorder in the National Comorbidity Survey**. *Arch Gen Psychiatry*. 1995 Dec;52(12):1048-60. Disponível em < <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/7492257/>>. Acesso em 05 dez. 2023.

LIMA, T. C. de. **Resiliência, autoeficácia e o estresse percebido: um estudo no contexto da formação do oficial do Exército Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maio de 2018.

LIPP, M. E. N., SASSI, L. & BATISTA, I. (1997). **Stress ocupacional na equipe cirúrgica**.

LIPP, M.E.N.; MALAGRIS, L.E.N. **Manejo do stress**. In B. RANGÉ (Org.), *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria*. Porto Alegre: Artmed. p. 568-580, 2001.

LUDWIG, A. C. W. **A democracia e ensino militar**. São Paulo: Cortez, 1998.

OORDT M. S. , "**Managing Severe Gas Mask Anxiety With a Cognitive–Behavioral Approach:** An Illustrative Case Study and Treatment Protocol," *Military Psychology*, vol. 13, pp. 165-176, 2001.

MAIA, D. B., MARMAR, C. R., METZLER, T., NÓBREGA, A., BERGER, W., MENDLOVICZ, M. V., COUTINHO, E. S. F., FIGUEIRA, I. **Post-traumatic stress symptoms in an elite unit of Brazilian police officers:** prevalence and impact on psychosocial functioning and on physical and mental health. *Journal of Affective Disorders*, Julho de 2006, volume 97, pp 241-245.

MALAGRIS, L. E. N.; SUASSUNA, A. T. R.; BEZERRA, D. V.; HIRATA, H. P.; **Mental disorders**. 5. ed. Washington: APA; 2013.

MARIANE, P. (2017). **O primeiro ano na Academia Militar das Agulhas Negras. Laços de Honra - O outro lado do Exército.** Disponível em <<https://paulamariane.com.br/2017/12/30/o-primeiro-ano-na-academia-militar-das-agulhas-negra>>. Acesso em 05 dez. 2023 .

MASLAND, J. & LAWRENCE R., 1957. **Soldiers and Scholars: Military Education and National Policy**. Princeton, Princeton UP.

MCGUIRE, W. J. **Military psychology: Historical development and future prospects.** *Professional Psychology: Research and Practice*, 21(6), 453-458. 1990

MELO, General Torres de. **Comando**. Fortaleza, CE, 1994.

MENEZES, E. T; SANTOS, T. H. Verbete temas transversais. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://educabrasil.com.br/temas-transversais/>>. Acesso em 05 dez. 2023.

MESHULAM-WEREBE, D., ANDRADE, M. G. de O., & DELOUYA, D. **Transtorno de estresse pós-traumático: o enfoque psicanalítico**. 2003.. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 25, 37–40. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462003000500009/>>. Acesso em 05 dez. 2023.

MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Instruções Reguladoras do Ensino por Competências: Currículo e Avaliação (IREC - EB60-IR-05.008)** (1ª ed.). 2013.

MINISTÉRIO DA DEFESA, EXÉRCITO BRASILEIRO. Estado-Maior do Exército Operações. **EB20-MF-10.103:** Instrução Individual. 4ª Edição.2014

MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. COTER. EB70-MC-10.234: **Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear nas Operações**, Brasília-DF, 1ª Edição, 2017.

MINISTÉRIO DA DEFESA, EXÉRCITO BRASILEIRO. **Diretriz do comandante do Exército** 2019. Disponível em <<http://www.eb.mil.br>>. Acesso em 04 dez. 2023.

MINISTÉRIO DA DEFESA, EXÉRCITO BRASILEIRO. Departamento de Educação e Cultura do Exército. Inspetoria Geral do Ensino do Exército (Insp G Ens Ex / 1937). **Perfil Profissiográfico do Concludente do Curso de Formação e Graduação de Oficiais de Carreira da Linha de Ensino Militar Bélico (CFO LEMB).**2023

MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. Escola Preparatória de Cadetes do Exército. Edital nº 01/23 S Conc ADMS, de 17 de março de 2023: **Concurso de Admissão (CA) à Escola Preparatória de Cadetes do Exército.** 2023.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA-SECRETARIA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Caderno técnico de tratamento do transtorno de estresse pós-traumático – TEPT.** Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, Secretaria Nacional de Segurança Pública – SENAP.2019.

MOLINA, S. de F. L., & DIAS, C. M. de S. B. **Ser oficial combatente do Exército: uma delegação transgeracional?**. Estudos De Psicologia (campinas), 29(1), 43–52. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000100005>. (2012).

MONTEIRO, V. F., & SILVA, S. S. da C. **Presença de Risco de Transtorno do Estresse Pós-Traumático em Policiais Militares Feridos por Arma de Fogo.** Psicologia: Ciência E Profissão, 43, e252098 .2023.

MONTGOMERY, B. M., & DUCK, S. (Eds.). **Studying interpersonal interaction.** Guilford Press.1991.

MOORE, B.A.; MASON, S.T.; CROW, B.E. **Assessment, and management of acute combat stress on the battlefield.** In KENNEDY, C.H.; ZILLMER E.A. Military psychology. Clinical and operational applications. New York: Guilford Press, p 73-92, 2012.

RODRIGUES, A. **Stress, trabalho e doenças de adaptação.** in: Franco, a.c.l. &Rodrigues, a.l. Stress e trabalho: guia prático com abordagem psicossomática. São Paulo: Atlas, cap. 2.1997.

PHARES, E. J.; TRULL, T. J. **Clinical psychology's coming of age.** *American Psychologist*, 52(9), 1059-1063.1995

PINA, R. T. **O Exército Brasileiro e o cuidado com a saúde mental.** Geral Ciência e Tecnologia Cultura Educação Recursos Humanos Sociedade.2021.

RODRIGUES, A. L. & GASPARINI, A. C. L. F. **Uma perspectiva psicossocial em psicossomática: via stress e trabalho,** in: Mello Filho, J. de (org.) Psicossomática hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 93- 10 1992.

SANTOS, A. W. P. **A Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear no Brasil: um debate sobre o estado da arte.** Rio de Janeiro, RJ: ECEME, 2019.

SANTOS, C. M.de P. M.s dos. **Estresse e Estratégias de Enfrentamento em Alunos de Cursos de Formação do Exército Brasileiro.** Trabalho de Conclusão de Curso

(Especialização em Ciências Militares) - Escola de Formação Complementar do Exército / Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2018.

SCHESTATSKY, S., SHANSIS, F., CEITLIN, L. H., ABREU, P. B. S., & HAUCK, S. **A evolução histórica do conceito de estresse pós-traumático.** Brazilian Journal of Psychiatry, 25, 8–11. 2003.

SELIGMAN, M.E.P. **Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar.** Rio de Janeiro: Objetiva. 2011

SELYE, H. **Stress, a tensão da vida.** São Paulo: Ibrasa - Instituição Brasileira de Difusão Cultural. 1959.

SHAFFER, D. W. **Suicide in the military: Understanding the warning signs and what to do about them.** New York: Plenum Press. 1997.

SIMAS, Lúcia Maria de Jesus Dantas da Silva. **Proteção Civil, “Teatro de Operações” das Forças Armadas?** Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC LISBOA), Escola de Tecnologias e Engenharia, Lisboa, Portugal. 2023.

SOUZA, C. B. S. de. **A psicologia social aplicada à formação de valores e atitudes nos cadetes da AMAN.** Revista Agulhas Negras, Resende, ano 1, n. 1, v. 1, p. 98-106, jan./dez. 2017.

TAKAHASHI, E. E. **Homens e mulheres em campo: um estudo sobre a formação da identidade militar.** Tese de doutorado não-publicada, Universidade Estadual de Campinas. 2002.

TEACHMAN, J. D., CALL, V. R. A., & SEGAL, M. M. **Family, work and school influences on the decision to enter the military.** Journal of Family Issues, 14 (2), 291-313. (1993)

U.S. PUBLIC HEALTH SERVICE. **The Surgeon General's Call to Action to Prevent Suicide.** Washington, DC: U.S. Department of Health and Human Services. 1999.

UHLANER, R. **Military psychology: An appraisal.** The American Journal of Psychiatry, 124(1), 31-37. 1967

UNITED STATE. UNITED STATES ARMY. **The U.S. Army Learning Concept for training and Education.** Fort Eustis, Virgin: [s.n.]. 2020-2040

USA. Department of the Army. **FM 22-100 – Military Leadership.** Washington, DC, 1990.

USA. Department of the Army. **FM 6-22 – Army Leadership.** Washington, DC, 2006.

VANDENBOS, G. R. **Dicionário de psicologia da APA.** Porto Alegre: Artmed,

VILLAS BÔAS, E. D. da C. **Ser Capitão:** Palestra na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro, Brasil. 2015

VISCONTI, G. B. **O atual ensino por competências aplicado no Curso de Formação e Graduação de Oficiais de Carreira da Linha de Ensino Militar Bélico (CFO/LEMB)**. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Escola Marechal Castello Branco. Rio de Janeiro, 2022.

WEISS, B. **Eliminando o estresse**. São Paulo: Sextante, 2016.

WILLIAMS, T. J., PICANO, J. J., ROLAND, R. R., & BANKS, L. M. **Introduction to operational psychology**. In C. H. Kennedy & E. A. Zillmer (Eds.), *Military psychology: Clinical and operational applications* (pp. 193-214). New York: Guilford Press. 2006

XAVIER, P. S. **O Currículo da Academia Militar das Agulhas Negras e a Formação Profissional: das Origens ao Início do Século XXI** (2017).

[1] Somatização ou transtorno somatoforme, as doenças psicossomáticas são desordens emocionais ou psiquiátricas que afetam também o funcionamento dos órgãos do corpo. Esses desajustes provocam múltiplas queixas físicas, e que podem surgir em diferentes partes do corpo.

[2] O *National Comorbidity Survey* foi o primeiro levantamento de campo em larga escala sobre saúde mental nos Estados Unidos. Conduzido de 1990 a 1992, os distúrbios foram avaliados com base nos critérios diagnósticos do manual DSM mais atual: o DSM-III-R.

[3] O conceito de *hardiness* busca explicar por que alguns indivíduos respondem com maior resistência a eventos estressores, comparativamente a outros indivíduos que apresentam desfechos negativos em saúde em situações semelhantes. Nesse sentido, o *hardiness* atua como mediador da relação entre estresse e adoecimento por meio de três elementos: o comprometimento, o controle e o desafio.

[4] Para lembrar os cursos existentes na AMAN, consultar a p. 16.

[5] Para não confundir o leitor, convém ressaltar que o 3º ano da AMAN corresponde ao 4º ano do CFO/LEMB.

[6] VUCA é baseado nas teorias de liderança de Warren Bennis e Burt Naus (1985), que argumentam que a necessidade de uma liderança eficiente e eficaz é muito maior hoje do que no passado, devido ao fato de os desafios serem mais complexos, de haver uma crise de governança e de existir certa incapacidade de as organizações atenderem às expectativas dos *stakeholders* em sentido amplo. VUCA significa ambiente volátil, incerto, complexo e ambíguo, em tradução do idioma inglês.